

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

WELLINGTON FERNANDES PIRES

**A ESPERANÇA EM GABRIEL MARCEL: A CONSOLIDAÇÃO
PELA ALTERIDADE**

Uberlândia

2025

WELLINGTON FERNANDES PIRES

**A ESPERANÇA EM GABRIEL MARCEL: A CONSOLIDAÇÃO
PELA ALTERIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Filosofia (PPGFIL) do Instituto de Filosofia (IFIL), da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: História, Sociedade e Cultura.

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior.

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da
UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P667	Pires, Wellington Fernandes, 1989-
2025	A esperança em Gabriel Marcel: a consolidação pela alteridade [recurso eletrônico] / Wellington Fernandes Pires. - 2025. Orientador: José Benedito de Almeida Júnior. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Filosofia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.385 Inclui bibliografia. 1. Filosofia. I. Almeida Júnior, José Benedito de ,1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Filosofia. III. Título.
	CDU: 1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

A ESPERANÇA EM GABRIEL MARCEL: A CONSOLIDAÇÃO PELA ALTERIDADE

WELLINGTON FERNANDES PIRES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) do Instituto de Filosofia (IFIL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Ética e Conhecimento.

Uberlândia, 26 de junho de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior – UFU (Orientador)

Prof. Dr. Manoel Messias de Oliveira - UFCAT

Prof. Dr. Armindo Quillici Neto – UFU

UBERLÂNDIA
2025

Dedico este trabalho a todos que passaram por minha jornada existencial. Fazem parte de minha história pelo vínculo formado, pelo amor dedicado e pela esperança reconhecida. Aos que se foram, sempre serão presença eternizada na saudade; aqueles a quem amamos jamais se tornarão ausentes. Em especial a vovó Santinha (*in memoriam*), com amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus nosso Senhor, acima de tudo, por conceder-me a graça da existência para que com os dons que Dele procede, eu possa na edificação de um mundo digno e justo, doar-me, sendo disponível sem nada esperar em troca, e assim, tomado pela esperança, instaurar o reino do amor com a fidelidade necessária na busca da verdade.

Ao Programa de pós graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, e ao corpo docente, pela formação pessoal e profissional.

Aos meus pais Anésia e Eduardo, meus irmãos Weverton e Wesley, meus queridos sobrinhos Maria Alice e Bernardo, meu avô Sebastião, parentes e amigos, pelo apoio recebido. Que a esperança possa ser vivenciada, cada vez mais, na vida dos meus semelhantes.

Aos grandes incentivadores de minha jornada educacional e intelectual, tio Marcos Cléber (*in memoriam*) e vovó Maria Gasparina – “Santinha” (*in memoriam*). Aos que amamos jamais se tornarão ausentes.

Às pessoas todas que direta, e indiretamente, contribuíram para a edificação dessa pesquisa.

Ao meu orientador Dr. Prof. José Benedito eu reservo especial gratidão que com a paciência e disponibilidade, pode acolher-me nas dificuldades, possibilitando a realização desse grande marco em minha vida.

Toda minha atuação está orientada a tantas e tão variadas forças criadoras críticas, que eu gostaria de canalizar a ação, porém sem perder de vista o que constitui o centro de meus sonhos: contribuir com minhas débeis forças para melhorar o mundo que ameaça perder-se no ódio e na abstração. (Marcel, 1967).

Deus é amor. [...] O amor não é um romântico sentimento de bem-estar. Redenção não é *wellness*, bem-estar, um mergulho na autocomplacência, mas uma libertação do auto-fechamento no próprio eu. (Ratzinger, J. 2012).

RESUMO

O referido trabalho é uma investigação dos conceitos esperança e alteridade em uma análise filosófica e antropológica do homem itinerante em Gabriel Marcel. A pesquisa bibliográfica partiu das principais obras de Marcel, bem como alguns comentadores como Régis Jolivet, Urbano Zilles e Mário Curtis Giordani. Marcel apresenta o existente como único, despojado, mas necessitado da relação com o outro e a realidade que o cerca. Seu ponto de partida é o próprio eu e a ruptura que inicia consigo mesmo, e a partir dessa contextualização, o ser necessita do outro para que desvele o mistério do seu próprio ser. A relação com o outro necessita da disponibilidade como base, porque permite que a esperança se desenvolva e fortaleça, do diálogo e da liberdade para que aconteça a experiência, essa por sua vez deve ser genuína, autêntica, sem esperar nada em troca. No encontro a alteridade se faz presença, e a esperança se apresenta em sua totalidade; a esperança nasce da experiência de cativeiro e se consolida na alteridade. Essa relação deve existir a partir de uma busca pelo concreto através da alteridade. Através do encontro genuíno com o outro, que nos leva além de nós mesmos, a transcendência não é algo distante ou inalcançável, mas sim uma experiência que acontece. Esse encontro é uma forma de abrir-se para o mistério. A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro, *Ontologia e existência*, é apresentado o homem como ser em construção e que necessita do encontro e da relação para que se construa e se conheça plenamente. No segundo, *Esperança e alteridade*, há a realidade da disponibilidade e do engajamento do ser para que a partir de situações de prova, a esperança autêntica se consolide através da experiência concreta e da alteridade. E por último, no capítulo sobre o *Amor e fidelidade*, ambas as virtudes interligadas à esperança como tripé central da filosofia marceliana, se apresentam na concretude da relação com o outro e na transcendência.

Palavras-chave: Existência. Engajamento. Sofrimento. Alteridade. Esperança autêntica.

ABSTRACT

This work is an investigation of the concepts of hope and otherness in a philosophical and anthropological analysis of the itinerant man in Gabriel Marcel. The bibliographical research was based on Marcel's main works, as well as some commentators such as Régis Jolivet, Urbano Zilles and Mário Curtis Giordani. Marcel presents the existing as unique, stripped, but in need of a relationship with the other and the reality that surrounds it. Its starting point is the self itself and the rupture that begins with itself, and from this contextualization, the being needs the other to unveil the mystery of its own being. The relationship with the other requires availability as a basis, because it allows hope to develop and strengthen, dialogue and freedom for the experience to happen, which in turn must be genuine, authentic, without expecting anything in return. In the encounter, otherness becomes present, and hope presents itself in its totality; hope is born from the experience of captivity and is consolidated in otherness. This relationship must exist based on a search for the concrete through otherness. Through the genuine encounter with the other, which takes us beyond ourselves, transcendence is not something distant or unattainable, but rather an experience that happens. This encounter is a way of opening oneself to the mystery. The research is organized into three chapters. In the first, Ontology and existence, man is presented as a being under construction who needs encounter and relationship in order to build and know himself fully. In the second chapter, Hope and Otherness, there is the reality of the availability and engagement of the being so that, from situations of testing, authentic hope is consolidated through concrete experience and otherness. And finally, in the chapter on Love and Fidelity, both virtues interconnected with hope as the central tripod of Marcelian philosophy, are presented in the concreteness of the relationship with the other and in transcendence.

Keywords: Existence. Engagement. Suffering. Otherness. Authentic Hope.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. VIDA, OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO	13
3. ONTOLOGIA E EXISTÊNCIA	20
3.1 EXPERIÊNCIA CONCRETA E O CARÁTER MISTERIOSO DA EXISTÊNCIA HUMANA	20
3.2 ONTOLOGIA E O SER COMO ENCARNADO	24
3.3 GABRIEL MARCEL E JEAN-PAUL SARTRE	30
4. ESPERANÇA E ALTERIDADE	35
4.1 O EXISTÊNTE, DIALOGAL E RELACIONAL	35
4.2 ALTERIDADE	38
4.3 LIBERDADE COMO CONSOLIDAÇÃO DA RELAÇÃO AUTÊNTICA	43
4.4 ESPERANÇA	50
4.5 RELAÇÃO DIALÓGICA	57
5. AMOR E FIDELIDADE	59
5.1 A VIRTUDE DO AMOR	59
5.2 A VIRTUDE DA FIDELIDADE	61
6. CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

Gabriel Marcel deixou uma profunda marca reflexiva sobretudo na percepção do homem como ser itinerante e em construção, “o homem, já ficou dito, é um ser encarnado; é esta sua natureza [...], refletindo no sentido da vida, o ser encarnado se revela ser itinerante, homo viator ” (Mondin, 2005, p. 207); o problema da esperança a partir da alteridade e do estado de cativeiro, trata-se de “apelar a certa experiência que se faz necessário supor presente naquele a quem se dirige” (Marcel, 2005, p. 51), esta experiência segundo o filósofo é a do eu espero; o ser e ter como mistério ontológico: “ter diz respeito a coisas que me são externas e que de mim não dependem [...], o ser me está presente, eu mesmo estou presente como participação do ser” (Giordani, 2009, p. 188-191).

Nessa perspectiva existencialista, tendo à frente suas ideias e pensamentos, construiu-se um caminhar repleto de reflexões paralelas ao do pensador referencial. Isso conduziu a escolha da proposta e tema de pesquisa para o mestrado acadêmico; reflexões essencialmente necessárias sobre uma realidade inserida em contextos diversos e relacionais, fragmentados ou em estado de cativeiro, ontológico e metafísico, inserido em mistério como diz o próprio Marcel.

O tema da Esperança e Alteridade se fazem essenciais e fundamentais para essa pesquisa; conceitos que por vezes se confundem com a própria experiência pessoal a ponto de observar o mundo tragando-se na imersão de si mesmo sem perpassar pelo objetivo do ser. A alteridade por vezes parece distante, algo inalcançável, uma comunhão superficial ou quase nenhuma. Aqui surge o eu espero.

Surge em si mesmo uma desarmonia que abriu caminho para um abismo, e é necessária uma reconstrução que se dará efetivamente quando o indivíduo que busca, souber respeitar e ver no outro o valor, a importância e a necessidade para sua existência. Assim, o eu e o outro se manifestam com autenticidade.

O ser e ter como mistério ontológico aparecem como que para complementar ou até mesmo para continuar a reflexão sobre a esperança, o eu espero. Sendo assim, essas duas preposições (ser e ter) importantes no estudo sobre o filósofo, aparecem com maior clareza na realidade existente, na superação do

cativeiro, no encontro consigo mesmo e com o outro. Se enaltecem ao observar na sociedade a destruição da fraternidade e a fragmentação do ser.

Gabriel Marcel, apresentou o homem, que ao mesmo tempo é um ser de razão e relacional com o seu próximo, com Deus e com aquilo que o cerca. O outro se manifesta a partir da própria existência do eu, e no autêntico encontro se concretiza a alteridade através do diálogo e da relação fraterna.

O interesse por essa pesquisa parte de uma motivação e da percepção do problema da existência da esperança a partir da alteridade. Dentre os sentimentos do ser humano, brotam aqueles a partir de necessidades cotidianas e existenciais, como: angústia, fé, amor etc. A esperança nasce do enfrentamento do desespero que solicita um ponto de apoio; o ser exige uma resposta. A esperança proporciona ao homem na imprescindível relação de comunhão com seu semelhante (próximo), a responsabilidade de construir sua existência, deixando para trás o desespero que o coroe em um mundo quebrado, no qual o ter prevalece sobre o ser. Isso leva os homens a um isolamento e a se afundarem no desespero. Gabriel Marcel, filósofo francês, analisa em sua obra – *Homo Viator* (Homem viandante / itinerante) –, o tema da esperança. Aspecto esse de alteridade que se manifesta presente no ser humano como viandante, itinerante e ainda por se fazer.

A esperança que nasce do desespero ou de uma marca negativa pode e deve ser buscada, experimentada no contexto do eu espero. Segundo Marcel, para que a esperança se estruture necessário se faz uma experiência de cativeiro, experiência mais pura e genuína de sofrimento (*Homo Viator*, 1959, p.31). A esperança requer perseverança, esforço, e a necessidade de acreditar que algo é possível mesmo quando há indicações do contrário; e para que a esperança possa se consolidar é necessário o princípio fundamental da alteridade.

A superação da provação necessita da esperança e da experiência da alteridade. O indivíduo existente, na perspectiva filosófica, deixa sua identidade de lado para abranger o outro. Necessita conhecer a si mesmo, o que só é possível no encontro autêntico. O olhar do outro faz com que o indivíduo possa se conhecer e desvelar o mistério do seu ser. A busca da própria identidade inclui o encontro com o outro, a fusão dos corações. Portanto, a esperança se

consolida na alteridade; mas, é necessária a experiência de cativeiro para que ela nasça.

2. VIDA, OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO

Gabriel Honoré Marcel, nasceu em Paris em dezembro de 1889; ano em que foi celebrado o centenário da Revolução francesa, e nasceu Martin Heidegger na Alemanha, o qual Marcel afirma que sua filosofia chega a ser vizinha, além de Jaspers e Buber. Martin Heidegger (1889-1976) foi um dos pensadores fundamentais do século XX, quer pela recolocação do problema do ser e pela refundação da Ontologia, quer pela importância que atribui ao conhecimento da tradição filosófica e cultural. Karl Jaspers (1883-1969) foi um filósofo e psiquiatra alemão e guiou suas reflexões diante das elucidações da existência do homem real, e não da humanidade abstrata; sua filosofia da existência é constituída uma metafísica, pois pensou a existência sem torná-la objeto. E Martin Buber (1878-1965), o filósofo do diálogo, ou seja, defende a existência a partir da comunicação e do diálogo. Duas palavras-princípio fazem parte da sua filosofia sobre a existência, Eu-Tu sobre a relação e Eu-Isso sobre a experiência.

Marcel, filho único, desde sua infância viajou muito e viveu em um ambiente de alto nível cultural. Seu pai Henry Marcel, era católico, foi diplomata e conselheiro do Estado, ministro plenipotenciário da França durante um ano e meio em Estocolmo; depois diretor de Belas Artes da Biblioteca Nacional e dos museus nacionais. Laura, sua mãe, de ascendência judaica, faleceu quando Marcel tinha quatro anos de idade.

A morte da mãe marcou a vida e a obra de Gabriel Marcel, onde sua memória irá tomar formas distintas. Na infância, ele recebeu os cuidados de familiares, muitas vezes exagerados, e uma educação, baseada em escrúpulos morais, num excesso de higiene profilática (Giordani, 2009, p.179). O ambiente escolar e os métodos de ensino, de certa forma reforçaram a educação familiar, deixando para Marcel péssimas recordações. O período histórico em que ele viveu foi muito conturbado devido às duas grandes Guerras que causaram horror e crueldade na Europa e no mundo.

Com esse quadro histórico pessoal, Marcel foi trabalhar na Cruz Vermelha durante a primeira guerra mundial, cuja função era procurar soldados desaparecidos. Ele presenciou a realidade do sofrimento, da morte e da desolação. Todos esses acontecimentos experimentados desde a infância levaram à reflexão

acerca da imortalidade e do sentido da existência. A experiência da guerra serviu de motivação para que ele refletisse sobre a alteridade e as ações humanas.

O trabalho exercido na Cruz Vermelha, o fez considerar a guerra numa perspectiva existencial, com efeitos sobre a imagem moral do homem vivente. Para ele, o amor é tão forte que supera a morte e os sofrimentos, e isso o despertou para uma realidade invisível, transcendental. A reflexão de Marcel levou a descoberta de um Transcendente doador de liberdade e de graça.

Aos dezoito anos estudou textos originais de Schilling (1775-1854), filósofo alemão e representante do idealismo e do romantismo alemão e Coleridge (1772-1834) poeta, crítico e ensaista inglês; após dois anos conseguiu o diploma dos Estudos Superiores com sua tese, vindo a ser publicada em 1971 e intitulada: *As ideias metafísicas de Coleridge e suas relações com a filosofia de Schilling*. Marcel foi fortemente atraído pela filosofia, e por meio do teatro, da dramaturgia, da música, das conferências e ensaios filosóficos. A essas aptidões acrescentamos um profundo espírito religioso; tudo isso deve ser levado em consideração para a compreensão do pensamento filosófico de Marcel (Giordani, 2009, p.176). Participou em famosos debates filosóficos e literários de algumas das mais importantes revistas francesas e também ministrou cursos e conferências em universidades francesas e estrangeiras.

Em seus escritos, há dispersão de suas ideias em numerosos artigos de toda espécie, em dramas e obras de caráter filosófico; e também suas publicações filosóficas são inacabadas e incompletas. São anotações em um diário ou coleções de conferências. As vezes se perde na obscuridade e frequentemente retorna ao ponto de partida. Pode-se dizer que Gabriel Marcel é da família dos filósofos do ensaio, do diário ou do fragmento.

Marcel conviveu com vários escritores, entre estes, integrou na sua própria reflexão o modelo de pensamento de Jaspers, que foi filósofo e psiquiatra alemão. Para ele, o existencialismo constitui o âmbito no qual se dá todo saber e todo descobrimento possível, e preocupou-se em estabelecer as relações entre existência e razão (Giordani 2009, p. 175).

Em relação ao cristianismo, ele foi influenciado por amigos, como, François Mauriac, Charles Du Bos, e sua tia materna Marguerite, com quem seu pai havia contraído novas núpcias, era sua madrinha e tia materna de origem judia,

se converteu ao protestantismo e era pessimista em sua concepção de natureza e da vida humana (Marcel, 1999, p. 9.).

Gabriel Marcel casou-se em 1919 e foi realizado na Igreja protestante. Fez-se cristão quando recebeu o batismo na Igreja Católica Romana em 23 de março de 1929, e entendia como uma fé universal, continuou como um filósofo independente, nunca um teólogo apologista ou porta voz de uma filosofia oficial católica. Sua esposa Jacqueline Boegner, de origem protestante, converteu-se em 1943, e faleceu em 1947. Marcel escreveu sobre o seu próprio batismo: fui batizado, nesta manhã, em uma disposição interior que mal ousava esperar: nenhuma exaltação, mas, um sentimento de paz, de equilíbrio, de esperança, de fé (Marcel s/d apud Giordani, 2009, p. 180).

Em Marcel, figura entre os primeiros autores contemporâneos que escreveram sobre temas existencialistas “(já em 1914 um artigo intitulado *Existence et Objectivité* expôs pensamentos existencialistas) [...] o pensador francês passou então a preferir a denominação de neossocrático à existencialista cristão” (Giordani, 2009, p.175).

O *Homo Viator*¹ demonstra a situação humana de itinerância, que segundo a concepção de Gabriel Marcel tem a intenção de demonstrar sua aproximação ao humanismo socrático. O homo viator, que se realiza pela peregrinação e despojamento não encontra na razão a segurança das certezas que nossa era consagrou na previsibilidade das realizações da tecnologia, da sociedade do cálculo e no universo do ter. Sistemas que conduzem para o individualismo que para a alteridade, no qual o ter na maioria das vezes prevalece sobre o ser, levando os homens a se fecharem e a se afundarem num isolamento. Realidade essa que conduz a um processo de desumanização, de modo que o outro passa a ser considerado como objeto.

A recusa pelo ter e a opção pela itinerância caracteriza a decisão pela liberdade do não saber, e de poder escolher uma direção. O homem peregrino é

¹ A obra *Homo Viator: prolegômenos para uma filosofia da esperança* (Paris: Gallimard, 1944); é um estudo sobre a experiência humana como uma jornada contínua, explorando a natureza do ser, a importância da esperança e a busca por significado na vida. A ideia central é que o homem, em sua condição existencial, é um “homo viator”, um viajante que não encontra estabilidade ou certezas absolutas, mas que está constantemente em movimento e em busca de um sentido para sua existência.

o que percorre um caminho para se construir, se transformar, para ser. Neste sentido, Marcel assinala a insuficiência dos sistemas filosóficos que tendem a compreender a situação do humano em modelos fechados. Ao contrário, apela o autor para o sentido do mistério, como metaproblema, para acercar-se do humano que transcende a razão e o absurdo, e é fiel ao seu caminhar², tal como é concebido no humanismo socrático³ e neossocrático⁴.

Ao deixar de lado o termo filosofia cristã, que Sartre lhe apelidara, de tal modo reconhece seu conflito pelo referido fato e sobretudo para evitar mal-entendidos com a Igreja. Mas parte para a possibilidade de harmonizá-la com a ortodoxia católica, ou seja, evita a possibilidade de um mal-entendido do grande público incapaz de distinguir uma filosofia cristã da existência, do existentialismo a moda de Sartre, e à publicação da *Encíclica Humani Generis* que o Papa Pio XII promulgou em 12 de agosto de 1950 sobre algumas opiniões falsas que ameaçam minar os fundamentos da Doutrina Católica. As opiniões e doutrinas teológicas conhecidas como Nouvelle Théologie e suas consequências sobre a Igreja foram seu assunto principal.

Ao descrever o desenvolvimento errôneo da Igreja Católica após a Segunda Guerra Mundial, a encíclica não menciona nomes, nem acusa pessoas ou organizações específicas. A Nouvelle théologie na França e seus seguidores em outros países viam cada vez mais o ensino católico como relativo. Partiu do neotomismo tradicional usando a análise histórica relativista e envolvendo axiomas filosóficos, como o existentialismo ou o positivismo. Estudiosos da Nouvelle théologie expressaram o dogma católico com conceitos da filosofia moderna, imantismo ou idealismo ou existentialismo ou qualquer outro sistema. Alguns acreditavam que os mistérios da fé não podem ser expressos por conceitos verdadeiramente adequados, mas apenas por noções aproximadas e sempre mutáveis (Boersma, 2009).

² O ser designa o lugar metafísico do qual emerge a fidelidade.

³ O humanismo socrático, é considerado a primeira manifestação de humanismo na história da filosofia. Ele se caracteriza pela ênfase na importância do ser humano, na busca pelo autoconhecimento e na importância da razão e da virtude.

⁴ O humanismo neo-socrático, também conhecido como neo-humanismo socrático, é uma corrente filosófica que busca aprofundar a reflexão sobre a condição humana, inspirada nos princípios do pensamento socrático, mas com uma perspectiva mais abrangente e universal. Essa abordagem enfatiza a importância da autoconsciência, da busca pela verdade e da responsabilidade individual e coletiva, estendendo-se para além das fronteiras culturais e religiosas.

A Igreja se opõe claramente face ao existencialismo, e alerta os católicos especialmente contra o irracionalismo como teoria ou atitude intelectual que desvaloriza o papel da razão enquanto instrumento para o conhecimento da realidade, em favor de outros processos ou meios, do subjetivismo como conjunto de ideias, significados e emoções que, baseados no ponto de vista do sujeito, e portanto influenciados por seus interesses e desejos particulares e o relativismo como corrente filosófica que afirma que as verdades e valores morais são relativos aos contextos históricos, culturais e sociais em que são produzidos, conceitos esses contidos nas teorias dos principais autores existencialistas.

Assim, o evolucionismo nega tudo que é absoluto, prepara o erro de uma nova filosofia. O existencialismo só se preocupa com a existência individual, e deixa de lado as essências imutáveis das coisas. Ao condenar o existencialismo, o Magistério Eclesiástico defendeu os direitos da razão humana e as bases da doutrina revelada.

O único que se mantém no existencialismo denominado ateu, é Sartre, transformando-o em um humanismo, e tendo o homem como centro de todas as coisas existentes. O único universo existente é o humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcidente, mas no sentido de superação), que chamamos humanismo existencialista (Rudek, 2015).

A maioria dos artigos da obra *Homo Viator* foram escritos durante a ocupação nazista na França; o pensamento de Marcel estava polarizado pela esperança da futura libertação.

Em 1910 Gabriel Marcel se torna colaborador da Revista de Metafísica e Moral de Xavier Léon. E em sua trajetória acadêmica destaca-se seu acesso ao magistério através do concurso do Estado. Exerceu-o com interrupções em diversos colégios: em 1912, em Vendôme; em 1915-18 em Paris; de 1919-22 em Sens; durante a segunda guerra mundial, 1939-40, em Paris e, 194, em Montpellier (Zilles, 1988). Os anos como professor de filosofia o deixam desapontado: ele parece balbuciar princípios rudimentares que não interessam muito aos seus alunos, não permitindo-lhe avançar em sua própria pesquisa. Marcel sente necessidade de não abandonar sua reflexão filosófica, mesmo se suas aulas o decepcionam:

[...] é certo que nesse momento da minha vida, o teatro ocupava o primeiro plano das minhas preocupações: naturalmente, isso não significa dizer que eu tenha abandonado a filosofia [...] O que realmente aconteceu é que, naquela época, eu não via a necessidade de separar a conexão que havia entre essas duas atividades (Marcel, 1971b, p. 123).

Sua atividade essencial era dedicada à crítica literária, ao teatro e à pesquisa filosófica. Sempre coloca em evidência a significação humana, e é muito procurado por cristãos que tentam encontrar nele um contrapeso ao existencialismo ateu de Sartre.

Marcel apresentou seu pensamento desde 1925, primeiro no *Journal métaphysique* (“Diário Metafísico”),

O que Marcel chamou seus experimentos “metafísicos” – a investigação de possível comunicação por meio de telepatia, cartomancia, profecia e espiritismo – também tiveram um papel em sua conversão filosófica. Para ele essas experiências desafavam de modo convincente as tendências naturalista convencional e materialista da filosofia contemporânea, indicando um domínio além daquele da experiência sensível ordinária, e prometendo libertação das tendências conformistas e das proibições, em seu questionamento filosófico. O *Diário Metafísico* foi apresentado antes portanto da publicação dos trabalhos de Heidegger, e depois nos diários filosóficos mais curtos o *Etre et avoir* (“Ser e Ter”), e *Du refus à l'invocation* (“Da recusa à invocação”). Os livros foram compilados por um de seus amigos, pois nunca escreveu um tratado. Escreveu também ensaios, geralmente tratando de modo mais acabado os temas que explorou primeiro em seus diários, como o exílio, cativeiro, separação, fidelidade e esperança, em parte como resposta à situação particular do povo francês durante a ocupação alemã de 1940 a 1944 (Cobra, 2001).

Suas obras são as seguintes:

[...] o *Diário Metafísico* (*Journal Métaphysique*, Paris, Gallimard, 1927). E as demais por ordem de importância, *Ser e Ter* (*Être et A Voir*; Paris, Aubier-Montaigne, 1935). *Du Refus à l'Invocation*, (1940); *Homo Viator* (1945); *La Metaphysique de Royce* (1945); *Position sat approches concrètes du Mystère Ontologique* (1949); *Le Mystère de L'Être* (1951); *Le declin de la sagesse* (1954); *Les Hommes contre l'Humain* (1951); *L'Home problématique* (1955), *Das grosse Erbe: Tradition, Dankbarkeit, Pietat* (1952); *La dignité Humaine* (1955); *Présence et Immortalité* (1955); *Philosophie der Hoffnung* (1957); *The Existential Background of Human Dignity* (1963); *Fragments Philosophiques 1904-1914* (1964); *Auf der Suche nach Wahrheit und Gerechtigkeit* (1964); *Der Philosoph und der Friede* (1964). Sua filosofia é assistématica, fragmentária e interrogante (Zilles, 1988).

Ao mencionar a obra *Journal metaphysique*, é necessário que se entenda que realmente é um diário, escrito pelo próprio Marcel e que poderia ser dividido em três momentos ou volumes.

[..] a escritura é descontínua; o leitor lê a sucessão das frases na ordem na qual elas foram escritas – o tempo da leitura imita o tempo do pensamento e da escritura. A obra não apaga a sua própria temporalidade, aquela de sua elaboração. As datas pontuam a exposição e o leitor segue o filósofo desde 1 de janeiro de 1914 a 24 de maio de 1923. O *Diário metafísico* (1927), propriamente dito, continua na sequência da primeira parte de *Ser e ter* (1935) – “diário metafísico (1928 - 1933)” – e em *Presença e imortalidade* (1959) nos anos entre 1938 e 1943. São, portanto, trinta anos de meditação que nos estão assim disponíveis (Silva e Riva 2017, p.11).

Marcel percorreu os cinco continentes para fazer palestras. Sua obra é muito extensa, e abrange sobre tudo o teatro e a filosofia. É difícil apresentar uma sistematização de seus pensamentos, pois no campo da filosofia não elaborou nada sistemático; suas obras são anotações em forma de diário, ensaios e textos de conferências. Sua filosofia tem caráter itinerante.

Após a guerra, ele ganhou notoriedade internacional e encerrou sua carreira com honras: doutor honoris causa de várias universidades, Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa em 1949, membro da Académie des Sciences Morales et Politiques em 1952, recebeu o Grande Prêmio Nacional de Letras em 1958 e o Prêmio Erasmus em 1969.

Faleceu em Paris a 8 de outubro 1973. Encontra-se sepultado no Cemitério de Passy (Trocadéro).

3. ONTOLOGIA E EXISTÊNCIA

O homem é apresentado como um ser racional, que ao mesmo tempo é relacional com o seu próximo, com Deus e com aquilo que o cerca. O outro se manifesta no autêntico encontro e se concretiza a alteridade através do diálogo e da relação fraterna. Há a necessidade do encontro e da relação para que se construa e se conheça plenamente, pois é um ser que está em constante construção, é o homo viator, peregrino; o ser que tem o corpo como extensão metafísica de sua existência.

3.1 A experiência concreta e o caráter misterioso da existência humana

Marcel, ao refletir sobre sua própria existência e da desarmonia que se instaurou em si próprio, apresenta uma linha de pensamento dentro da corrente neosocrática repleta de gratuidade, doação e autenticidade. O próprio eu é o ponto inicial de sua filosofia, que apresenta traços de sentimentos, razão e pensamentos profundos sobre o ser e sua importância como existente. Afirmou a experiência da existência como algo que constitui o âmbito de todo saber e de todo descobrimento possível. Gomes comenta que “na busca do que seria uma posse legítima e fiel à existência, é preciso admitir que tudo o que a pessoa tem é o itinerário do ser, essa itinerância é a única posse e única propriedade concreta do humano” (Gomes, 2007, p. 12). Por esse motivo, o itinerante, o homo viator, o andarilho e o peregrino, não podem ter muitas coisas, pois sua posse primeira leva a situação de despojamento.

Imaginemos a figura de um peregrino que sai em busca de seu objetivo espiritual e caminha por quilômetros, dias, ante o sol e chuva, sono e cansaço, se desloca rumo a um lugar sagrado. Sua motivação é a fé ou o desejo de fortalecer essa relação. Por vezes, a peregrinação tem o sentido não apenas religioso, mas visa promover uma transformação pessoal, que pode ser refletida em mudanças de hábitos, valores, ou na forma de viver. O peregrino busca sempre uma experiência profunda e transformadora, e leva o mínimo possível na

caminhada, para que nada possa atrapalhar ou dispersa-lo do objetivo. Sempre voltará com uma carga de experiência e valorização do ser.

A maneira de existir própria do homem é sua relação consigo mesmo e com o outro, que o define. E nessa relação acontece o encontro autêntico; no totalmente outro que a ontologia se revela na experiência concreta, no sentido do humano como mistério. Mistério e problema são dois conceitos que se relacionam mutuamente, e Marcel tentou elaborar essa diferença na obra *Os homens contra o homem*:

Há problema de tudo o que o que está perante mim; e por outro lado, o eu que entra em actividade para resolver o problema, fica de fora ou aquém, como se quiser, dos dados que tem de tratar e manipular para obter a solução. Dir-se-á que este eu calculador ou investigador dá origem a problemas, isto é, tem possibilidade e obrigação de colocar-se frente a si mesmo? Será apenas recuar a dificuldade. De qualquer modo, haverá que manter um sujeito que não pode pôr problemas se não mantendo-se ele mesmo em esfera não problemática (Marcel, s/d, p. 80).

Nas palavras do próprio Marcel, “fui levado a introduzir ou a reinstaurar o mistério, por oposição ao problema” (Marcel, s/d, p, 81). E assim prossegue:

Que é pois o mistério? Por oposição ao mundo do problemático que, como disse, está diante de mim, o mistério é alguma coisa a que eu estou ligado, não parcialmente por algum aspecto determinado e especializado, mas inteiramente, enquanto realizo uma unidade que por definição nunca pode apreender-se a si própria e só pode ser objecto de criação e de fé. O mistério faz desparecer a fronteira entre o em-mim e o perante mim, que há pouco podia ser recuado mas sem deixar de reconstituir-se a cada momento da reflexão (Marcel, s/d, p, 81).

Ele afirma que pertence a essência do mistério ser reconhecido, pois a metafísica o pressupõe. E acrescenta em *Être et Avoir*:

O problema é algo que se encontra e obstacula o caminho. Está inteiramente diante de mim. Ao contrário, o mistério é algo no qual me acho engajado; sua essência não está totalmente diante de mim. É como se, nesta zona, a distinção entre em mim e diante de mim perdesse a significação (Marcel, 1935, p. 145).

O problema é algo que se coloca no caminho como obstáculo, e no mistério é algo que se sente engajado, envolve a totalidade do ser. Afirma-se que o

problema é um obstáculo, e pode ser resolvido⁵; mas o mistério é está situado no campo do pessoal e transcendente, e por isso não deve ser reduzido ao problemático.

Ao falar do humano como mistério, Marcel ressalta que a existência humana não é algo que pode ser completamente compreendido ou explicado. Existe um elemento inesgotável, algo que transcende a razão e que se revela através da experiência. Na obra *Être et avoir*, e em todos os escritos posteriores, a palavra mistério expressa aquilo que não poderá vir a ser problema, o que sempre resistirá a toda e qualquer problematização. É um imediato não mediável (Marcel 1935 apud Zilles 1988, p. 49).

Zilles menciona que, o problema pode ser detalhado e caracterizado, o mistério, não. [...] Se toda realidade ontológica autêntica só se nos dá como mistério, e se chamar ontologia esse conhecimento do ser intersubjetivo, então a ontologia é a elucidação desse mistério (Zilles 1988, p. 50).

Aqui há uma distinção no campo do problema e do mistério em relação ao ser e o ter:

O campo do natural, do ter, do definível coincide com o problemático, e o mistério com o ser. Neste contexto, o ser é sempre um ser concreto. O acesso a este ser não se deve procurar no campo do pensamento lógico, mas antes, em certas experiências espirituais fundamentais. Os fenômenos como amor, fé, fidelidade, esperança, etc., que, à primeira vista, parecem apenas psicológicos, adquirem significação decisiva para o conhecimento imediato do próprio ser (Zilles 1988, p. 50).

O ser concreto e inesgotável não deve ser tratado como algo objetivo, mas deve ser reconhecido; nisso constata-se que o ser não pode ser tratado como problema, pois o eu participa do ser. A reflexão de Marcel sobre a unidade corpo-alma conduz a distinção dos conceitos ser e ter. E para se compreender a ontologia concreta que ele propõe, necessário se faz essa distinção.

Para ele, a existência constitui o reduto central da metafísica; o ser deve prevalecer sobre o Cogito⁶, ou seja, essa afirmação implica uma crítica à filosofia

⁵ Cf. Zilles, 1988, p. 49. Marcel afirma que o problema científico emerge em determinado problema da pesquisa, é como uma pedra no caminho; e pedras podem ser retiradas ou movidas de lugar, transformando-se em solução ou resolução.

⁶ O Cogito, ergo sum é um argumento central na filosofia cartesiana, e tem sido objeto de diversas interpretações e críticas ao longo da história da filosofia. Descartes usa o Cogito como um ponto

cartesiana, que tem no Cogito, o seu ponto de partida fundamental. O foco deve estar na existência concreta do indivíduo, na sua liberdade e nas suas escolhas, antes de qualquer ideia de essência ou de um eu pré-definido. O Cogito pode ser visto como uma abstração que não dá conta da complexidade da experiência humana.

É, portanto, nas experiências existenciais que nós apreendemos a ser na sua imediata realidade concreta e que, ao mesmo tempo tomamos consciência da sua afirmação. Aqui, acto e pensamento coincidem: o Cogito integra-se no sum: a afirmação é uma posse; a posse é uma afirmação. O pensamento não é senão a expressão da realidade ontológica; o universal está dentro do individual. Para abordar o mistério do ser, há, todavia, experiências privilegiadas que por forma mais nítida e clara nos aproximam dele. A elucidação dos dados propriamente espirituais, como a felicidade, a esperança e o amor, nos quais o homem experimenta simultaneamente e no mais alto grau o conflito interior que o dilacera e as exigências absolutas que de dentro o solicitam, essa elucidação permite-nos à reconhecer, não teoricamente e no registro do pensamento abstrato, cuja objectivação pode ser discutida, mas efectiva e activamente, que há no homem um certo permanente ontológico, um permanente que dura e em relação ao qual nós duramos, um permanente que implica ou exige uma história, em oposição à pertinência inerte ou formal de uma lei ou da mais pura validade (Jolivet 1957, p. 370-371).

Ao refletir sobre o paradoxo da realidade, esta só é inteligível como mistério. Marcel acrescenta que sem o mistério, a vida seria irrespirável (Marcel s/d apud Jolivet 1957, p. 373). O mistério não é uma lacuna no conhecimento, mas um elemento fundamental da experiência que nos leva a buscar uma compreensão mais profunda do ser. Experiência essa, que é mencionada como concreta e entende-se como algo que está intrínseco ao ser corporizado, pois o corpo é extensão do ser, é uma nova perspectiva metafísica apresentada por Marcel que vai além das reflexões filosóficas tradicionais, se aproxima de uma filosofia inteiramente liberta de qualquer engessamento sistemático ou acadêmico.

Marcel, o filósofo itinerante, acredita que é necessário definir, com precisão, o ponto de partida da investigação metafísica a que ele se propõe e apresenta a inquietação metafísica comparando-a com um homem febril, em busca da solução para a situação que o incomoda. A inquietude metafísica não é um estado legado ao indivíduo sem

de partida para construir o seu sistema filosófico, e para fundamentar a certeza do conhecimento. Mas na perspectiva existentialista, é visto como uma abstração que não dá conta da complexidade da experiência humana; a existência precede a essência, e o ser do indivíduo é definido pelas suas ações e escolhas no mundo, e não por um ato de pensamento isolado.

mediação, aparecerá em suas reflexões emergindo das circunstâncias vividas, concretas e poderá estender-se a todos os seres que partilham a mesma experiência. A inquietação metafísica busca a verdade, sem a qual a própria Metafísica é negada. Assim, na investigação metafísica, o sujeito vive a inquietação e busca as respostas para chegar à verdade e encontrar a paz. Por isso, coloca-se a caminho, põe-se a refletir de maneira concreta, pois está implicado, é um ser situado, e busca a verdade sem pretensão de obtê-la abstratamente (Oliveira, 2011 p. 39).

O drama da existência desvela a experiência e revela o humano como um ser itinerante e de mistério. Marcel [...] desde o início de seu *Journal métaphysique* [...] com efeito, antes de falar de mistério, falava do inverificável, daquilo que não podemos conhecer de forma objetiva e objetivante (Marcel, 1927 apud Silva e Riva, 2017, p, 101). O ser é um mistério não porque se trata de algo indecifrável ou inverificável, mas, sim, de sua própria condição metaproblemática, impossível de coisificar ou de substantivar conceitualmente.

3.2 Ontologia e o ser como encarnado

O pensamento de Gabriel Marcel nasce a partir de determinadas preocupações⁷ que influenciam diretamente na elucidação de seus conceitos; o ponto de partida de sua filosofia é a encarnação, ele apresenta o ser como encarnado. O filósofo comprehende o homem como homo viator, criatura itinerante, cujo drama reside inclusive no fato de sua natureza ser corpórea.

A encarnação – dado central da metafísica. A encarnação, situação de um ser que aparece a si como ligado a um corpo. Um dado não transparente a si mesmo: oposição ao cogito. Deste corpo não posso dizer que é meu eu, nem que não é, nem que é para mim (objeto). A oposição entre sujeito e objeto é transcendida. Mas, ao contrário, se parte desta oposição tratada como fundamental, não haverá mais truque lógico para re-unir esta experiência: inevitavelmente terá passado ou foi recusada, o que é a mesma coisa. Não se deve objetar que esta experiência apresenta um caráter contingente; na verdade toda investigação metafísica requer um ponto de partida deste gênero. Só pode partir de uma situação que reflete sobre si mesma seu poder compreender-se. “Examinar se a encarnação é um fato; não me parece que o seja. É um dado a partir do qual um fato é possível (o que não é verdade a partir do cogito)”. “É uma situação fundamental que, a rigor, não pode ser dominada, rotulada e analisada. É precisamente esta impossibilidade que eu afirmo quando declaro, confusamente, que sou meu

⁷ Cf. Silva e Riza 2017, p. 102. Sua filosofia nasce a partir de uma contextualização tridimensional: sua situação histórica, sua formação filosófico-cultural e as inquietudes próprias do filósofo.

corpo, ou seja, que não me posso conceber como um termo distinto do meu corpo, que se mostra numa relação (*rapport*) determinável. Como já disse, no momento em que o corpo é tratado como objeto da ciência, eu me exílio no infinito” (Marcel, 1935 p. 11-12).

O estatuto teórico da ideia de encarnação tomada enquanto mistério ontológico, Marcel, em uma de suas obras mais importantes, *Mystère de l'Être*⁸, já exibe um primeiro delineamento desse percurso.

A verdade é, por outra parte, que não me proponho em absoluto apresentar-lhes um sistema que seja propriamente meu sistema [...] portanto, minha tarefa, repito, não era de modo algum expor um sistema suscetível de ser denominado marcelianismo – essa palavra me soa quase a piada –, senão retomar toda minha obra sob uma nova luz, mostrando suas articulações e, sobretudo, assinalando sua orientação geral (Marcel, 1951, p. 7-8).

Para Marcel, o existente sou eu, espírito encarnado, unidade vital. E o corpo condiciona o ser-no-mundo em comunhão permanente. Para ele, o ser encarnado não poderá ser desvelado, objetivado ou sintetizado, mas apenas experenciado. “Essa primeira experiência que eu posso ter de mim, ou seja, a experiência fundamental, é a do meu existir” (Jolivet, 1957, p, 363). É no mundo que a experiência se realiza e se consolida, é através da alteridade que há a concretização.

Aos olhos de Marcel não deixa de ser evidente que a tarefa da Filosofia é restituir aquilo que, sintomaticamente, a tradição filosófica “sequestrara” do humano: seu peso ontológico⁹. Para tanto, a Filosofia Concreta é aquele pensamento pensante que, uma vez mergulhado no assombro e na admiração (sem fossilizá-lo mediante sistemas de compreensão), se torna capaz de se debruçar sobre o ontológico. Ora, em sentido estrito, somente se pode falar do ontológico a partir do próprio ontológico. Esse caráter fundamental apenas explicita que é uma exigência que minha experiência comigo mesmo e com o mundo seja

⁸ A obra *Mystère de l'Être* se trata do conjunto de conferências proferidas por Marcel na Universidade de Aberdeen em maio de 1949 e em maio de 1950; divide-se em dois tomos: *Mystère de l'Être I* e *Mystère de l'Être II*.

⁹ Cf. Azevedo (2012) p. 34. Faz-se necessário um esclarecimento sobre a argumentação proposta: a ideia de “sequestro” do peso ontológico do humano refere-se não a um argumento de que a filosofia não se arvora em reflexões ontológicas (ao contrário: ela foi sempre uma tradição peculiarmente metafísica; tributou sempre certa interpretação do ser. O problema é em que nível ela faz essa interpretação), mas ao fato de que a tradição metafísica subjugou o estatuto ontológico do corpo, isto é, da condição encarnada que, em sentido último, define mais plenamente o homem.

ontológica¹⁰; disso resulta que ela se efetue mediante a categoria do mistério. Logo, o mistério da existência encarnada é essa demanda de que a tradição, em seu limite último, não dá, suficientemente, conta. Nessa direção, outra questão já se impõe: Como, então, descrever o corpo como um ser de experiência? Que estatuto ontológico possui a experiência do sentir na perspectiva mais ampla da encarnação? A novidade de Marcel é que – mesmo sem fugir das reflexões propostas ao longo da história da filosofia – ele apresenta a experiência do corpo e do sentir como meios imediatos de participação no mistério do ser. Isso significa que, para acessar, em sentido radical, o domínio ontológico, não se pode prescindir da experiência mesma da corporeidade ou da carnalidade (Azevedo, 2012, p. 34-35).

A consciência que se tem de si como existente, impõe-se irresistivelmente ligado a um corpo; e só se pode afirmar a existência de qualquer coisa na medida em que se encontra relacionada com esse corpo. Não se pode dizer que o existente é o corpo ou a alma, ambos são possuídos, assumidos pelo existente, que é o todo; logo, ele é o possuidor ou o envolvente. A análise existencial da experiência da encarnação em Marcel, leva-o a afirmar a união do corpo com a alma numa única realidade, e com o resto do mundo¹¹.

Essa encarnação é a condição de acesso ao real e referência central da reflexão metafísica, permitindo-nos cair no mundo da presença, da individualidade de cada ser da existência. Não se pode compreender o humano separadamente do corpo; o corpo não é apenas um instrumento, mas uma parte essencial da própria existência.

A encarnação nos coloca em contato com a realidade concreta, com a vida que não pode ser reduzida ao abstrato; aqui compreende-se a noção de

¹⁰ Cf. Marcel (1927) p. 277. para Gabriel Marcel, essa abordagem ontológica é vista a partir da perspectiva da “necessidade”, o que, em seus dizeres, apresenta a metafísica como um apetite do ser.

¹¹ Cf. Jolivet, 1957, p. 365. G. Marcel, sob forma um tanto diferente, trata do mesmo assunto: “Em certo sentido, eu sou o meu corpo. Esta afirmação poderá talvez induzir alguém a pensar que defendo uma teoria materialista. Nada mais ilusório. Eu só posso dizer que sou o meu corpo desde que não me refira a essa coisa visível, manejável, operável, etc... que é o meu corpo para outrem. Este corpo, que eu, recorrendo à imaginação, posso afastar de mim ao pensar que é um corpo entre tantos outros, possuindo determinadas particularidades especificáveis, pressupõe aquilo que talvez tenhamos de nos resolver a chamar corpo-sujeito, um corpo que é a minha própria maneira de existir — sem dela me poder separar, a não ser por abstracção ou de um modo completamente ilusório. Dizer que sou o meu corpo é dizer que sou essa maneira de existir. Poder-se-ia dizer ainda... que o meu corpo é a minha maneira de estar no mundo ou, então, de pertencer ao mundo”.

presença¹², nos permite sentir, interagir e viver a realidade plenamente. Indica total envolvimento na experiência da vida, sem a separação da mente e do corpo.

Compreender a encarnação como forma de estar no mundo e viver a existência, leva o ser humano a questionar a busca de sentido, por exemplo em relação a vida. Na concepção de Jolivet, essa análise da experiência mostra que o homem não pode explicar-se a si mesmo nem compreender-se senão abrindo-se a uma transcendência (Jolivet, 1957, p.367).

Nas obras de Marcel, razão, sentimentos e pensamentos se misturam. Encontra-se nelas, uma espécie de ontologia propriamente dita que:

Limita-se a assinalar a existência de um problema do ser que pode ser resolvido de maneiras diferentes - não só em direção a uma metafísica transcendentalista, mas também em direção a uma metafísica imanentista (Abbagnano, 2003, p. 849).

A ontologia presente no pensamento marceliano, apresenta-se diante da existência de determinado problema, com diferentes soluções. Não somente a metafísica transcendentalista que prega a existência de um estado espiritual ideal que transcende o físico e o empírico e é percebido por uma consciência intuitiva, mas também por uma metafísica imanentista que se caracteriza pela existência de um ser divino que não pode ser objeto de qualquer conhecimento claro.

O homem mesmo quando não possui consciência de sua racionalidade não deixa de ser homem; ao seu determinado estado, possui existência, e é seu modo próprio de ser no mundo. Esse modo de existir no mundo é filosófico. Fora do homem não há existência¹³; e não é um estado, mas um ato, a passagem da possibilidade à realidade. Sendo assim, o homem é só existência, não é substância, não é essência. Sua existência precede a essência.

O homem nada mais é que aquilo que ele próprio se faz, sendo, portanto, impossível defini-lo antes que exista. (Goirdani 2009, p.26). Os existencialistas ateus, segundo Sartre, definem o homem como um ser

¹² Noção de presença nos lembra que precisamos estar totalmente envolvidos no momento e na experiência de viver.

¹³ Cf. Sartre (2012) p. 18. [...] também os existencialistas franceses (Jaspers, Gabriel Marcel e Heidegger) e eu próprio. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de considerarem que a existência precede a essência ou, se preferirem, que é preciso partir da subjetividade.

que primeiro existe, se encontra, surge no mundo e se define em seguida. Ele somente será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Porém ao falarmos de um existencialismo de cunho cristão, não se pode negar a ação divina que está presente antes da existência. O ser precede da ação de Deus (Sartre 2012, p.19).

E mais adiante encontramos:

Que significa dizer que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiro existe, se encontra, surge no mundo, e que se define depois. O homem, tal como o existencialista o concebe, se não é definível, é porque de início ele não é nada. Ele só será em seguida, e será como se tiver feito (Sartre, 1996, p. 29).

É na descoberta desta subjetividade fundante, diante da infinita possibilidade de si-mesmo, que o homem se percebe em solidão no mundo, e entra em contato com a angústia¹⁴. Segundo Sartre, aqui se apresenta a característica essencial do pensamento existencialista, porém, em Marcel a ontologia que é encontrada, se caracteriza pela ideia existencial de que o próprio homem é responsável por todos os seus atos, não excluindo a graça e a liberdade que o acompanha. Essa graça é a manifestação de Deus na existência do indivíduo, já infundida no desejo desse Criador, antes da existência da criatura.

Desse modo, o homo viator, o homem como um ser itinerante que está em constante construção, não é capaz de se compreender e se conhecer totalmente; é o olhar do outro que revela o que o ser realmente é. O Eu necessita da relação com o outro para que possa se conhecer e desvelar o mistério do seu ser, necessitando de se apoiar em algo; e a disponibilidade é o ponto de partida para a autenticidade desse encontro, onde a graça se manifesta e o acompanha, toma consciência de si e, descobre o Ser absoluto – Deus -, o que é possível a partir da experiência mística. Deve se utilizar segundo Marcel, o método pelo qual o pensamento seja pensante e que germe do concreto.

¹⁴ A angustia no existencialismo é um conceito central que se refere a experiência subjetiva da liberdade e da responsabilidade diante da existência. Não é um mero sentimento negativo, mas uma resposta natural à consciência da liberdade e da finitude humana. Ela surge ao percebermos que somos responsáveis pelas nossas escolhas e pela nossa própria construção, sem regras predefinidas ou um sentido pré-estabelecido para a vida

Essa disponibilidade só pode ser encontrada na ontologia concreta que se revela ao longo da jornada, como afirma Jolivet: “[...] Evidentemente que aqui só consideraremos uma ontologia da existência concreta, mas que nos há-de revelar, muito melhor que a qualquer investigação abstrata, a exigência do problema ontológico e a natureza desse problema” (Jolivet, 1961, p. 355).

O ser necessita do outro; assim, o homem caminha e busca o sentido da existência e de existir, tendo sempre a relação com os outros: Deus, mundo, o semelhante; todos essenciais em seu trajeto. Faz-se necessário reconhecer o outro como um Tu e não como um Ele ou Ela, que são tratados como objetos.

A disponibilidade, é a base da esperança, que se manifesta como a capacidade de esperar pelo outro, e para que seja genuína e eficaz precisa do fundamento principal, que é a disponibilidade; é base, porque permite que a esperança se desenvolva e fortaleça. Aquela por sua vez, não é apenas uma atitude passiva de esperar, é uma atitude ativa de estar presente.

A responsabilidade e a busca de autoconhecimento para o desenvolvimento do ser que o acompanha em todas as suas ações, faz com que possa ser caracterizado como ser existente; o caminho consiste em irmos ao encontro de nós mesmos.

Para Martin Buber, filósofo, escritor e pedagogo austríaco, de origem judaica, não há existência sem comunicação e diálogo; as palavras - princípio Eu - Tu (relação) e Eu - Isso (Experiência) demonstra as duas dimensões de sua filosofia do diálogo que influenciou fortemente Gabriel Marcel. A relação Eu-Tu, não é somente atitudes do homem no mundo, mas, sobretudo uma ontologia da relação é a relação com o outro e com Deus que é sustentada pelo diálogo, onde se manifestam com autenticidade (Buber 2013 p.10-12, 27).

O problema existencial se apresenta a nós, é uma espécie de poder pelo qual somos atraídos e repelidos, é uma contradição entre o todo e o que o vian-dante aspira poder ser; o fazer-se necessário apoiar no outro deve ser colocado em prática. O ser, portanto, se revela na existência e possui a exigência da trans-cendência.

O itinerante é o ser que está em peregrinação, se constrói a cada momento; e se converte para um modo de vida capaz de enfrentar os pro-blemas vitais, aqueles que representam o outro, a família, a imortalida-de, os valores, a salvação, a dimensão espiritual e as diferentes re-flexões filosóficas do momento (Marcel 2005, p.12).

A partir de suas ideias ontológicas, existenciais e relacionais, pode-se fazer um contraponto claro e evidente a Jean-Paul Sartre.

O perigo é fornecer uma interpretação muito rígida e esquemática, inteiramente calcada na acentuação desses elementos paradoxais que são derivados da dualidade inevitável de perspectivas entre um pensamento abertamente ateu e outro de matriz religiosa. Uma divergência substancial, não desprezível, cujo peso específico não é, todavia, exagerado, pode recair em uma apresentação enganosa e simplista que é atribuível, em última análise, à “canônica” distinção sartriana entre um existencialismo ateu e um existencialismo cristão. Trata-se de uma distinção que é, contudo, um tanto cômoda e sedutora na forma, quando inadequada na substância. Também porque, preguiçosamente traçando o regime de oposição, acaba-se não só traindo a complexidade interna da reflexão entre os dois autores, mas também não compreendendo o verdadeiro significado. E diminuir o pensamento em relação aos aspectos positivos e à certeza de um pacífico otimismo da fé é algo que não é incomum acontecer para Marcel em comparação com Sartre (Silva e Riva, 2017, p. 49).

Enquanto Sartre enfatiza a autonomia do sujeito, Marcel destaca a importância da relação e da transcendência. Sartre, em seu existencialismo ateu, enfatiza a liberdade como um ato de criação, enquanto Marcel, em sua visão cristã, busca um sentido mais profundo através da fé e da participação no mistério do ser.

3.3 Gabriel Marcel e Jean-Paul Sartre

Considerado o maior representante do Existencialismo francês, Sartre, foi autor de peças teatrais, romances e obras filosóficas. Ao falar desse filósofo, o associamos imediatamente ao tríplice sentido que a expressão “Existencialismo” pode encerrar (filosofia, literatura e atitude de vida). “Sartre é o único filósofo que professa, expressamente, o Existencialismo [...]” (Giordani, 2009, p. 137).

Jean-Paul Sartre nasceu em 21 de junho de 1905 em Paris. Seu pai faleceu quando ele ainda muito jovem, e sua mãe se casou novamente, por esse motivo foi residir em La Rochelle, onde seu padrasto era diretor dos estaleiros (Chantiers Marítimes).

Em 1925 Sartre ingressou na Escola Normal Superior. Em 1928 tornou-se “agrégé de Philosophie” e após o serviço militar foi nomeado para lecionar no Liceu do Havre. Mais tarde exerceu o magistério no Liceu

Henrique IV e, posteriormente (1934), no Instituto Francês de Berlim. Na época de seus estudos universitários, Sartre passou uma temporada em Friburgo onde seguiu as lições de Husserl. Em 1939 foi convocado para o exército, tendo caído prisioneiro em 1940. Libertado, participou ativamente do movimento de resistência. [...] Professor de filosofia, literato e, finalmente, comentarista político (renunciando aos temas universais em favor dos temas da atualidade), fundou a revista "Les Temps Modernes" (Giordani, 2009, p. 140,141).

Sartre na formação de sua personalidade, sofreu influência da mentalidade existente na Europa em um período ocasionado por duas grandes guerras mundiais, fermentações, esperanças, ilusões e fracassos.

Há uma indagação entre os intelectuais a respeito de Sartre, ele é filósofo ou literato? O mesmo responde: SOU FILÓSOFO? OU SOU LITERATO? "Penso que o que fiz desde minhas primeiras obras é algo que mescla os dois: o que escrevi é, ao mesmo tempo, filosofia e literatura, não justapostas, mas cada elemento dado e ao mesmo tempo literário e filosófico." (Sartre, s.d apud Mendonça, s.d, p.25).

Dentre suas principais obras filosóficas temos: *L'Imagiflation*/1938, *Esquisse d'une Théorie des Emotions*/1939, *L'Imaginaire, Psychologie Phénoménologique de L'Imagination*/1940, *O Ser e o Nada (L'Être et le Néant. Essai d'Ontologie Phénoménologique)*/1943, *Critique de la Raison Dialectique*/1960. Dentre as obras de romances e novelas: *La Nausée*/1938, *Le Mur*/1939, *Les Chemins de la Liberté*/1945. Por fim no teatro temos: *Les mouches* 1943, *Huis-clos*/1944, *Morts sans sépulture*/1946, *Le Diable et le bom Dieu*/1951.

Troinsfontaines notou que a obra de Sartre foi escrita, em grande parte, no ambiente indiferente do café. A ausência de um olhar de amor para com o mundo e para com a humanidade - na obra de Sartre não parece em parte alguma do perfume de uma flor, o sorriso de uma criança - denotam em seu autor uma existência vazia, da qual parece ter estado ausente um autêntico amor. É curioso que um grafólogo como De Greef conclua, da análise da escrita de Sartre, que seu autor não saiu do estado de autoerótico (Klimke-Colomer, p 833. apud Giordani 2009, p. 145).

Observa-se que as ideias dos pensadores existencialistas, possuem, sempre uma forte experiência pessoal. E vários filósofos contribuíram para a gênese do pensamento sartriano, dentre eles: Descartes – cujo cogito ele enlaça mediante a fenomenologia e o existencialismo; Kiekegaard – o conceito de queda, o qual, secularizado serve a seus fins; Freud – a teoria do amor como

forma de posse; Hegel – o conceito da oposição do ser e não-ser, deixado, porém sem síntese; Feuerback – o homem como matéria orgânica, da qual a consciência é uma manifestação; Heidegger – o ser é “mundanidade”, ser-no-inundo e Husserl – o método fenomenológico.

Sartre formulou duas categorias fundamentais de sua Ontologia, o Ser-em-si e o Ser-para-si. O primeiro como plenitude (estática), o em-si é um ser compacto, fechado sobre si mesmo, inconsciente, pleno, maciço, rígido; repousa em si, sem relação com os demais entes e fora da temporalidade. E o para-si como ausência, vacuidade (dinâmica constante), é inteiramente relação, e aparece como niilização do real produzido pela consciência. O para-si é o que não é: é nada. Nessa ontologia fenomenológica, o homem é o ser que faz florescer o nada, é o ser pelo qual o nada vem ao mundo. Ao demonstrar o homem como existente segundo sua ontologia, define que há uma dualidade, existe no mundo como consciência e simultaneamente como corpo. É uma consciência encarnada, o qual o corpo é instrumento da ação.

O homem é, por natureza, uma consciência infeliz, sem possibilidade de fugir ao infortúnio. Aqui Sartre reflete sobre a liberdade como algo essencial ao ser humano, a noção do em-si que seria também para-si, ou seja, o primeiro é o ser e o segunda é nada.

A liberdade é aquela em torno da qual se formou o pensamento de Sartre, e segundo ele é o único fundamento dos valores; se o homem é livre de querer ou não ser livre, ele o é sempre; o homem não é livre de querer ou não ser livre: nós todos somos condenados a liberdade, pois o ser nos é dado sem compromisso e sem razão (Giordani, 2009, p. 158-159).

A liberdade é considerada uma condição fundamental do ser humano, da qual não se pode escapar. Ele acreditava que o ser humano está condenado à liberdade, ou seja, que somos seres feitos de escolhas; o homem é o que ele quer se tornar, e nada é senão seus próprios atos. Já Marcel, enfatiza a importância da reflexão e da escolha responsável, reconhecendo a influência do contexto social, mas ressaltando a liberdade individual para se posicionar diante dele.

Ao mencionar Sartre como um dos mais importantes contribuidores do pensamento existencialista do século XX, não podemos deixar de lado Gabriel

Marcel, ambos influentes, mas com suas perspectivas e abordagens que diferem significativamente. Partem de uma experiência concreta, vivida, das relações reais entre os homens, ou seja, elabora-se no concreto da existência: deseja apreender o mundo e desenvolver a consciência na concretude da vida; enfatizaram a liberdade individual e a responsabilidade. Sartre procurava o concreto, ou seja, apreender o mundo e a consciência em toda a sua concretude, supõe uma consciência concreta, própria do homem encarnado. O outro é necessário para que o ser tenha consciência de si mesmo, ou seja, o outro é aquele que me olha, é uma consciência que se depara com outra.

[...] ao situar a intenção da consciência no mundo, Sartre avalia que a clássica separação sujeito-objeto foi superada. Assim, não é o objeto que determina o sujeito, tampouco o sujeito que constrói o objeto. Não há mais a prevalência ou a anterioridade de um momento sobre o outro: ambos são dados ao mesmo tempo. Consciência e mundo são considerados como os polos coetâneos e um mesmo e único fenômeno, a existência. (Sass, s.d, p. 45).

A ideia de uma teoria concreta, é presente no pensamento filosófico de Gabriel Marcel, onde a investigação filosófica propicie uma filosofia concreta; a ontologia se revela na experiência vivida, mesmo que temporariamente, pois o ser vivente é inverificável, se cria e se recria constantemente. A filosofia concreta confia apenas na encarnação, o existente é um ser encarnado, existe no corpo que é sua extensão.

Além do ponto em comum em Sartre e Marcel, em que há compreensão de que o outro é condição para que o Eu existente possa ter consciência de si, a crítica ao determinismo é característica marcante: rejeitaram a ideia de que a vida humana é determinada por fatores externos; existe uma cadeia de relações causais que determinam padrões de construção do mundo, interferindo inclusive nas ações e na vida das pessoas, ou seja há uma determinação da ação e da vida dos indivíduos pelo meio, fatores e aspectos. Por outro lado, ambos afirmam que o ser humano é livre e não está sujeito ao determinismo, focam na experiência humana, exploraram essa condição e a existência. Ambos afirmam que a existência precede a essência.

Em Sartre há um desenvolvimento filosófico sobre o ser, o nada, teatro, romances e novelas, a temporalidade, liberdade, morte, Deus e outros temas.

Todos esses conceitos apresentados na perspectiva existencialista e ateísta. O Outro para Sartre é necessário para que tome consciência de si, o Outro é seu inferno, “o Outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao Outro. [...] a vergonha é, por natureza, reconhecimento. Reconheço que sou como o Outro me vê” (Sartre, 2015, p. 290).

Há um reconhecimento em Sartre em que o Outro é visto como aparição reflexiva de mim mesmo, meu inferno como condição necessária para tomar consciência de si mesmo, mas também afirma que é possível estabelecer uma convivência pacífica, construtiva e libertária.

O Outro para Marcel representa a necessidade diante do Eu, não apenas para um autorreconhecimento ou autoconsciência, mas para que haja a partir da presença real um encontro autêntico, ambos se revelem e se reconheçam com laços de liberdade, fraternidade, aceitação, olhar mútuo. A ideia de Marcel sobre o Outro equipara-se muito mais com Martin Buber que Sartre, pois, acreditam no encontro entre sujeitos, enquanto esse não acredita. Sartre afirma que, diante do olhar do outro não apareço como um sujeito, mas como um objeto: “o outro [...], apresenta-se, em certo sentido, como negação radical de minha experiência, já que é aquele para quem eu sou, não sujeito, mas objeto” (Sartre, 2015, p. 297).

O olhar do outro me remete para fora de mim, ao mesmo tempo em que faz com eu que me veja. O outro, o olhar do outro, é, na perspectiva sartreana, a “minha transcendência transcendida”. Segundo Sartre, o outro é condição para que o Eu tenha consciência de si mesmo. Em outras palavras, possa conhecer a si mesmo, pois, sem o outro, a consuta reflexiva não é viabilizada. A atitude egocêntrica, a egótica - enfim, a postura solipsista – não permite ao existente tomar consciência real de seu ser, pois não possibilita a esse existente a experiência concreta com nenhum outro. Sem o olhar do outro, o conhecimento verdadeiro não pode ser desenvolvido. Para que a consciência reja reflexiva, ela precisa ser confrontada: necessita ser negada e reconhecida pelo outro (Oliveira, 2011, p. 110).

Por fim, Jean-Paul Sartre e Gabriel Marcel são influentes no campo existencialista do século XX. Ambos colocam em foco a experiência individual, a liberdade e a responsabilidade no processo de tornar a vida significativa; é uma busca que se faz necessário com a presença do outro seja com a perspectiva que for.

4. ESPERANÇA E ALTERIDADE

A fenomenologia metafísica da esperança apoia-se no marco ontológico da fé que devemos ter no homem, enquanto Ser de potencialidades e possibilidades existenciais. A esperança pressupõe uma relação original entre a consciência e o tempo, a condição e o sentimento, a confiança e a concretização.

Para Gabriel Marcel, o indivíduo não nasce pronto e acabado, mas se faz a cada momento, sendo assim, impossível definir a essência do homem antes de sua existência. Essa definição leva em consequência fatores ligados diretamente ao âmbito relacional, como por exemplo os sentimentos, a liberdade, a fraternidade, a disponibilidade; e a encarnação do homem, para que através da corporeidade possa se estender de forma aberta e conjunta e nas relações obtenha a concretude do encontro, ou seja, a experiência é necessária para que na jornada do viandante, o esperançar se destaque no compromisso de busca concreta e autêntica. “A esperança está comprometida com a trama de uma experiência de um Ser que se encontra em formação, de uma trajetória em curso” (Marcel, 2005, p. 63).

4.1 O existente, dialogal e relacional

A filosofia de Gabriel Marcel tem seu caráter dialógico que é essencial para a compreensão do sentido da existência humana. Se preocupa com a relação entre o eu e o outro, a memória e a esperança, a importância da intersubjetividade e da experiência compartilhada para a construção da realidade e da identidade. É a maneira de existir própria do homem, da relação consigo mesmo e com o outro, que assim o define¹⁵.

Para ele a metafísica se manifesta através de um diálogo com o mundo, com a realidade e com o outro, é a partir dessa experiência que Marcel

¹⁵ Cf. Buber (2013) p.10-12, 27. Martin Buber, filósofo, escritor e pedagogo austríaco, de origem judaica. Para ele não há existência sem comunicação e diálogo; as palavras princípio Eu–Tu (relação) e Eu–Isso (experiência) demonstra as duas dimensões de sua filosofia do diálogo que influenciou fortemente Gabriel Marcel. A relação Eu-Tu, não é somente atitudes do homem no mundo, mas sobretudo uma ontologia da relação é a relação com o outro e com Deus que é sustentada pelo diálogo, onde se manifestam com autenticidade.

desenvolve uma metafísica que enfatiza o amor e a esperança como forças que impulsionam a busca pelo sentido da vida, ou seja, uma busca pelo concreto através da alteridade.

Na existência do homem, esse apoiar-se no outro, sempre foi extremamente necessário e vital para a concretização de sua formação. É na alteridade, na relação de interação ou até mesmo de dependência em esperar no outro, o eu na sua forma individual só pode existir através de um contato com o outro, e assim, se consolidar. O diálogo é essencial e fundamental para a compreensão do sentido da existência, e só é verdadeiro quando há reciprocidade; assim afirma Kierkegaard ao fazer uso das palavras de Sócrates que elogia a arte do diálogo. Martin Buber afirmou a esse respeito que, no princípio é a relação. A relação, o diálogo, será o testemunho originário e o testemunho final da existência humana (Buber, 2013, p. 22). Para Marcel, a estrutura do homem, é radicalmente dialogal.

Nessa relação do encontro, no totalmente outro, a ontologia se revela na experiência concreta. É necessária a revelação propícia do Eu-Tu para que haja o autêntico encontro – “permanecendo na praia contemplando as espumas das ondas, deve-se correr o risco, é necessário atirar-se na água e nadar” (Buber, 2013, p.20).

Em Marcel, seu ponto de partida é o próprio eu, seu problema fundamental é a definição do homem, e o princípio e reflexão de sua filosofia é a própria existência. Surge em si mesmo uma desarmonia que abriu caminho para um abismo, e é necessário uma reconstrução que se dará efetivamente quando o indivíduo que busca, souber respeitar e ver no outro o valor, a importância e a necessidade para sua própria existência. Assim, o eu e o outro se manifestam com autenticidade, não deixam que somente o interesse pessoal possa avivar o encontro e a verdadeira relação.

O itinerante, caminha sempre olhando em frente, não foge, mas está à espera da graça para conseguir reconstruir a harmonia perdida antes da ruptura consigo mesmo. A graça não é um mero dom gratuito, mas uma participação ativa e transformadora na realidade que está além do alcance da razão humana; é um elemento essencial para a realização do ser e a busca por sentido na existência. Faz-se necessário uma intensa busca de respostas para encontrar o que

possa preencher o vazio que foi instaurado. Esse movimento de busca e de angústia é nomeado por Marcel, de existência. Ela é uma determinada modalidade do Ser, que não pode ser caracterizada. Na reflexão que faz sobre o indivíduo como um ser itinerante, a peregrinação se converte em um determinado modo de vida, a qual se reduz a uma viagem não somente no campo inteligível, mas, na concretude da relação e do encontro que possui influência e responsabilidade, e, sobretudo, que permanece com autenticidade, e o outro torna-se parte da existência do próprio indivíduo que caminha. A existência se transforma em uma ontologia propriamente dita, onde o indivíduo não somente oferece, mas sempre está pronto a receber algo que possa completá-lo, ou agraciá-lo. Marcel afirma que “[...] A ideia de viagem, que não se considera habitualmente como dotada de um valor especificamente filosófico, apresenta sem dúvida a inestimável vantagem de recorrer a determinações que pertencem ao tempo e ao espaço” (Marcel, 2005, p.19).

Com esta afirmação, é perceptível na conversão do modo de vida a ideia de viagem, [...] modo de afrontar os problemas vitais, os que pertencem ao outro, a esperança, a família, a imortalidade, os valores, a salvação, a dimensão espiritual e as diferentes reflexões filosóficas do momento (Marcel, 2005, p.12). O peregrino quando possui um objetivo, facilita seu caminhar, não é ausente de perguntas que sempre o acompanham, análises detalhadas de diversos assuntos, e sempre à espera de respostas. Como o próprio Marcel afirma, a vida se reduz a uma viagem, e muitas vezes o que se alcança é simplesmente o esperar. A espera que abrange confiança e perseverança, onde o ser tem maior valor que o ter. Há uma distinção entre o ser e o ter, que é fundamental na ontologia de Gabriel Marcel, e necessária para que se possa compreender o homem como um ser de relações que busca sua construção.

Ter diz respeito a coisas que me são externas e que de mim não dependem, embora eu seja proprietário das mesmas e possa delas dispor. [...] O Ser me está presente, eu mesmo estou presente como participação do Ser. Como o Ser implica o próprio ato do conhecimento, não pode objetivar-se. (Giordani, 2009, p.188-191)

Tendo o Ter como objetivo e o Ser como inobjeto, o ser humano muitas vezes busca uma realização que quase sempre é simplesmente ter, e perpassa

um caminho longe das relações verdadeiras e autênticas, com o outro e consigo mesmo. O ter se manifesta no que é objetivável, é a exteriorização do ser, e ameaça constantemente de tragar o indivíduo. O ser, portanto, como diz Marcel, só pode ser reconhecido e saudado.

Vivemos em uma sociedade onde é observada a destruição da fraternidade e a fragmentação do ser. Assim, eleva-se a conversão dos seres humanos, na sociedade que é dominada pela técnica e há a predominância dos problemas que são resolvidos pelo ‘raciocínio intelectual e por cálculo’, o ter predomina sobre o ser. Tais indivíduos que vivem desse modo na sociedade, não reagem, estão ausentes diante da presença do outro; não são disponíveis e não acolhem seu semelhante em suas necessidades.

Dentre todos os seres que existem, o homem consegue alcançar uma dimensão de transcendência que os outros seres não conseguem, “significa um limite para a razão, pois esta não é a única maneira de perceber da existência” (ZILLES, 1988, p. 116). Na perspectiva do esperar, o ser torna-se necessitado de apoio; ele é sentimento, desejo, razão, fé e tudo o que faz é de sua inteira responsabilidade. Porém, há uma graça que o acompanha, uma força que não é somente sua, é misteriosa, e a espera de uma ajuda que não vem somente do outro, torna-se essencial em sua caminhada. A religião, a arte e a metafísica colocam o homem na presença do mistério. Marcel propõe uma busca “não mais no registro lógico [...] mas na elucidação de certos dados propriamente espirituais, tais como a fidelidade, a esperança e o amor”. (Marcel, 1935, p. 173)

Marcel (1951, p. 23) afirma que” [...] um homem não pode ser ou permanecer livre senão na medida da sua ligação com o transcidente [...]. A experiência, portanto, é o caminho concreto para aproximar-se conscientemente de Deus que já está em nós, e só mediante a fé o pensamento pode afirmar-Lo como existente.

4.2 Alteridade

A esperança proporciona ao homem, uma imprescindível relação de comunhão com seu semelhante, e é na abertura ao outro que ela encontra espaço para se manifestar ou simplesmente brilhar como luz nas trevas. Proporciona

desse modo ao homem na relação de comunhão com seu próximo, a responsabilidade de construir sua existência, deixando para trás o desespero que o corroe em um mundo quebrado, no qual o ter prevalece sobre o ser; isso leva os homens a um isolamento e a se afundarem no desespero. A alteridade que é vivenciada na existência do ser humano é marcada pela presença da liberdade, pois o olhar do outro faz com que o indivíduo possa se conhecer e desvelar o mistério do seu ser. A disponibilidade de uma alma em uma experiência de comunhão se faz essencial para a concretização da esperança, e liberta o homem do isolamento e do desespero.

O esperar é a principal estrutura da esperança, e intrinsecamente experienciada no amor e na fidelidade. A disponibilidade da alma nasce da necessidade de engajamento do indivíduo em uma relação concreta com a realidade e interligada no mistério do ser que é o lugar da liberdade e de possibilidades. Esperar, segundo Marcel é a experiência do “eu espero”, assim como a experiência fundamental da fé é a do “eu creio”, exige compromisso e implica ir ao encontro do outro, estar em comunhão com ele, e juntos fazer acontecer o que ambos esperam. A esperança faz assumir uma postura de não se desesperar jamais.

O estado de cativeiro¹⁶ (estar cativo de) com sofrimento é necessário para que possa nascer à esperança pura e autêntica, e é no mundo que ela irá se consolidar, pois, o homem é um ser de relações, extenso pelo corpo; por vezes parte-se de um eu espero degradado que constituirá uma verdadeira marca negativa. Aqui pode ser apresentada a superação das provações com a presença

¹⁶ Cf. Marcel, 2005, p. 48. Tratemos de situar de maneira mais próxima o sentido desta palavra, desentranhar os caracteres de toda situação que se deixa traduzir pela expressão “ser cativo de”. Trata-se de um sofrimento. Porém, em que condições o sofrimento pode chegar a ser uma experiência de cativeiro? É necessário subtrair o papel que tem aqui a “duração”: apresento-me a mim mesmo como cativo se me encontro não somente resoluto, senão complexificado sob uma pressão exterior em um modo de existência que me é imposto e implica restrições de toda ordem para meu próprio trabalho. Ademais, o que caracteriza todas as situações que evocamos neste momento é que elas implicam invariavelmente a impossibilidade que me vejo reduzido, não necessariamente de mover-me e até de atuar com certa relativa liberdade, senão de “acceder a uma plenitude de vida que pode ser uma plenitude do sentimento ou, assim mesmo, do pensamento propriamente dito” Na verdade, pode ocorrer que, arrancando-me de mim mesmo, esse sofrimento dê lugar ao fato de que eu alcance uma consciência bastante aguda, que, sem ele, esta integridade aguda que agora aspiro a reconquistar não se apresente. É assim, por exemplo, para o enfermo em quem a palavra “saúde” despertará uma riqueza de elementos harmônicos geralmente insuspeitas pelo homem são.

permanente da alteridade, confirmando o homem como um ser de relações e diálogo.

O “eu espero”, considerado com a sua força, está orientado para a salvação. Para mim trata-se verdadeiramente de sair da escuridão em que estou imerso atualmente, e que pode ser a escuridão da doença, da separação, do exílio, da escravidão. É evidentemente impossível, em tais casos, dissociar o “eu espero” de um certo tipo de situação a que conduz. A esperança situa-se no quadro da prova à qual apenas corresponde, mas é uma verdadeira resposta do ser. (Marcel, 2005, p.42)

O olhar do outro faz com que o indivíduo se conheça e desvele o mistério do seu ser. Assim a busca da própria identidade inclui esse encontro, e a esperança, em sua autenticidade, se consolida na e por meio da alteridade; mas, é necessária a experiência de cativeiro e sofrimento para que ela nasça. A disponibilidade em uma experiência de comunhão se faz essencial para que possa se compreender a esperança que é velada de mistério e concretizada na relação autêntica. Essa disponibilidade da alma nasce do enfrentamento do desespero que solicita um ponto de apoio; o ser exige uma resposta que só pode ser encontrada na relação autêntica da alteridade. O homem é refletido como um ser de possibilidades, e na relação que é necessária, percebe-se que a inautenticidade se confronta com a autenticidade.

O homem pode se relacionar com o outro que o cerca sem ter que abrange a dimensão do encontro. Nesse sentido, o outro como é defendido por Martin Buber, se torna um isso ou um mero objeto de relação, para que o eu possa saciar-se do que lhe convém para sua individualidade, e consequentemente não há o encontro sincero e verdadeiro. Existe uma relação de existência no desencontro, mas não a doação e disponibilidade, porque o que move o eu, é simplesmente o ter do outro.

Segundo Marcel, a transcendência é o único meio que permite pensar a individualidade. A busca religiosa se torna impossível estudando-a de fora, pois pela fé se afirma um fundamento transcendentante para o mundo e para o pensamento.

Somente a existência exercida na liberdade pode ter acesso a uma Transcendência, que ela descobrirá em si mesma e que terá de ser objecto de fé, pois só se alcança com um salto operado para além de

todas as razões, de todas as categorias e de todas as evidências objectivas (Jolivet, 1957, p. 331).

A partir de certa inquietude ou insatisfação, instalada no interior humano, é que surge a necessidade da transcendência. É a falta de sentido o ponto desde o qual vê-se a necessidade de um transcender, uma exigência de transcendência. Nas palavras de Marcel: “[...] A crise que atravessa hoje o homem ocidental é uma crise metafísica [...] na medida em que ela emerge de uma inquietude que vem mais profundamente do ser” (Marcel, 1951d, p. 35). É a própria exigência do ser.

A transcendência não é algo distante ou inalcançável, mas sim uma experiência que acontece através do encontro genuíno com o outro, que nos leva além de nós mesmos. Esse encontro é uma forma de abrir-se para o mistério, permitindo que a pessoa viva uma relação mais profunda e significativa com o mundo e com os outros. Então, na visão de Marcel, a transcendência está ligada à experiência do encontro verdadeiro, que revela a nossa dimensão mais autêntica e espiritual.

No encontro que ele propõe, o primeiro momento da existência se dá na ação da graça que o homem é antes de fazer-se homem. A graça provém de Deus e após o fazer-se homem, há uma relação interativa com o mundo. E a situação fundamental do ser no mundo, só é sua, se aceita e assume a liberdade que o permeia. “Minha situação é uma espécie de realização misteriosa que a razão nunca consegue penetrar totalmente, pois a liberdade une-se à necessidade, o possível ao real, o tempo à eternidade, a transcendência à imanência” (Zilles, 1988, p. 92).

A existência está engajada em uma relação concreta com a realidade e interligada no mistério do ser que é o lugar da liberdade e de possibilidades. Assim, a realização misteriosa do ser, só pode se concretizar ou ter um maior sentido, quando houver liberdade.

O homem como um ser itinerante e não estático na existência e na relação com os que o cercam, deve ter a disponibilidade como causa primeira para o encontro autêntico. A saber, a disponibilidade que se traduz em gratuidade, dá sentido às ações do existente. É preciso saber observar no outro, o ser que se revela, e admirá-lo na gratuidade e na doação completa.

A gratuidade, não é uma troca, mas total entrega do ser verdadeiro que se caracteriza como participação, presença, júbilo, esperança, amor e fidelidade. Todas elas vão contrárias ao pessimismo e a indisponibilidade, e implicam rumo a um mais participativo na transcendência, que é Deus.

O ser é dotado de total liberdade, comprometido e doador para com o outro. A liberdade tem a ver com o ser aberto para algo, quando o vínculo não escraviza, mas liberta de si mesmo, e o outro não é simplesmente uma parte da natureza, mas em igual liberdade, onde a manifestação do vínculo se traduz em fraternidade e possui sentido de qualidade¹⁷; amar é esperar no outro.

Para Marcel, a máxima liberdade realiza-se na comunicação com o seu semelhante e com Deus, e a transcendência assume o aspecto de amor¹⁸.

O amor, esperança e fidelidade, são três eixos necessários para que haja o encontro autêntico. A vivência do amor é incondicional e se mantém acima de qualquer experiência, e que por meio desse plano, o eu se une a outros seres. A esperança, porém, é o ‘esperar em’, é acreditar na ajuda do outro, onde cada um faz sua parte, e ambos são beneficiados pela relação de fraternidade. É necessária a disponibilidade e a gratuidade para que a doação e a perseverança sobreponham todo e qualquer sentimento de individualidade e de cobiça ou desejo.

Esperar no outro vale a pena, e essa concretização se dá na autenticidade que é manifestada na relação eu-outro. A fidelidade se manifesta pela fé, é a ‘presença eternizada ativamente’, a ‘renovação do benefício da presença’. Confiar é o meio fundamental para que haja uma relação livre e espontânea, e não exista somente o eu em sua individualidade, mas o outro em sua totalidade. O encontro verdadeiro só se dá na experiência; podemos dizer que é quando um reconhece o outro como ele realmente é, isso é autenticidade, encontro verdadeiro. Essa experiência deve ser doadora, livre e gratuita; receber em si o si do outro, segundo Marcel, é como acolher alguém de fora, pois o que espera, se doa e acolhe, e há o vínculo de comunhão, no exercício da liberdade.

¹⁷ Cf. Zilles (1988), p. 99. A conexão que Marcel estabelece entre liberdade e fraternidade é a base da fundamentação da atual ideia de solidariedade.

¹⁸ Cf. idem, (1988), p.99. Quando se aceita a graça livre e soberana do Deus vivo e se abre ao seu amor e lhe responde, encontra-se nela o grau máximo do ser e da liberdade.

4.3 Liberdade como consolidação da relação autêntica

A liberdade que se é apresentada no existentialismo é colocada como fundamento de todos os valores; ela tem a ver com o ser aberto para algo. Giordane apresenta a definição de Jolivet sobre o existentialismo como:

Conjunto de doutrinas segundo as quais a filosofia tem por objeto a análise e a descrição da existência concreta, considerada como o ato de uma liberdade que se constitui ao se afirmar e que não tem nem outra origem nem outro fundamento além dessa afirmação de si mesmo (Jolivet, 1957 apud Giordani, 2009, p. 21-22).

O viandante deve construir vínculos de doação e liberdade, sua própria existência deve ser a afirmação de si mesmo. Para que a alteridade esteja presente nessa caminhada junto ao outro, necessário se faz que um se doe e o outro esteja aberto a essa doação para que no exercício de sua liberdade haja o vínculo.

A liberdade é de suma importância para a consolidação da relação autêntica com o outro, no encontro a ontologia se revela na experiência concreta. Marcel afirma que é necessária uma revelação propícia de ambos para que haja o autêntico encontro, se colocam em sintonia para que o ser possa se totalizar. O eu é presença total diante do outro. “O Eu só existe enquanto se considera e se trata como existindo para outro, por referência a outro, consequentemente, na medida em que se supera e sobrepassa a si mesmo” (Lenz s/d apud Giordani, 2009, p.193). A liberdade em Marcel é algo libertaria, “a liberdade não é um atributo que posso como uma coisa; na realidade não sou livre, mas liberto-me¹⁹” (Giordani, 2009, p. 198).

A presença significa algo mais e algo diferente ao simples fato de estar aí. O ser não simplesmente está, mas é ativo, seja sozinho porque está à procura e em busca das respostas e de sua efetiva construção, ou simplesmente no

¹⁹ Cf. Lenz s/d apud Giordani, 2009, p. 198. Nessa citação poder ser observado claramente a liberdade guiada a partir de um princípio interior... [...], confronto minha conduta com minha vocação divina, para ver se, efetivamente, é minha e livre, imprimindo, assim, à minha conduta, à minha existência concreta uma orientação estável e unitária, pela qual me constituo em pessoa. Minha determinação individual não é objeto de minha eleição, mas é o princípio interno regulador de minha eleição, uma luz interior que me guia e dá à minha vida concreta uma direção constante.

desabrochar ou já no estado de encontro autêntico da alteridade. A presença se insinua sempre pela experiência, com o motivo de ser irredutível, pois não pode ser reduzida a um conceito, e ao mesmo tempo confusa com o sentimento de existir e de estar no mundo, pois envolve uma série de sensações e emoções que são difíceis de definir ou analisar racionalmente. É o próprio sentimento de existir e de estar no mundo, com todas as suas nuances. É necessária a experiência para que haja a interação necessária; a presença é algo que se insinua através de uma experiência concreta, um sentimento de estar no mundo, de estar em contato com a realidade e com o outro.

Para que se chegue à autenticidade do encontro, é necessária a reflexão sobre a liberdade que não pode ser tida como um problema, pois é um mistério, é um dom ou uma graça que só pode ser aceita ou rejeitada, e de modo algum pode ser definida. “O único acesso à liberdade é a reflexão do sujeito sobre si mesmo, em sua situação fundamental. Trata-se de participação no ser, numa realidade transcendente” (Zilles, 1988, p. 95)

A situação fundamental que o ser se encontra é a de um mundo quebrado ou de um cativeiro bíblico²⁰ como afirma Marcel. Ele não se refere a um acontecimento exterior, mas a possibilidade de autodestruição parece habitar o próprio homem, por causa das técnicas modernas de aviltamento, como por exemplo a desvalorização de um trabalho e de sua dignidade.

O homem, vinculado ao mundo, só pode ser livre e permanecer livre. Assim Marcel apresenta na Obra *Os homens contra o homem* (s/d. p, 23) “Um homem não pode ser ou permanecer livre senão na medida de sua ligação com o transcendente, seja qual for a forma dessa ligação”. Desse modo o descompromisso com o real, não significa que o homem é livre, e sim quando assume um vínculo autêntico e que suporte sua própria existência. Assumindo suas responsabilidades e tendo consciência de sua influência para o mundo que o cerca, começa a reestruturar o que estava disperso e quebrado, iniciando-se uma restauração em si mesmo.

²⁰ A expressão cativeiro bíblico é mencionada, pois apresenta a ideia de um mundo fragmentado e distante do seu ideal, onde o homem se sente deslocado e em busca de sentido. Essa situação de ruptura e desintegração é o ponto de partida para a reflexão filosófica de Marcel.

Aceitar ou rejeitar as diversas circunstâncias que emergem da realidade, dependem unicamente do próprio indivíduo. Também em relação a Deus, a escolha é sempre livre, pois “a rejeição fecha-me a possibilidade de novos atos livres, e a aceitação, ao contrário, liberta-me” (Zilles, 1988, p.96).

A liberdade, que é refletida por Marcel, nasce de um espaço criativo entre o eu e o outro. Ela está inteiramente incluída na disponibilidade, que é sempre o ser aberto para algo; é capaz de doar-se, assumir compromissos e de transformar simples circunstâncias em oportunidades de construir o próprio destino. O que está estritamente arraigado na prática da liberdade é a fraternidade que se orienta para o outro e a percepção da irmandade na relação, juntas dão ao homem a capacidade de estar ligado ao próximo de maneira que o vínculo não escravize.

Quando se fala de amor, afirma-se que é sem medidas, livre e completamente doador, sem nada esperar em troca. Pelo vínculo fraternal, o outro se torna um irmão, e amá-lo é esperar nele.

Eu espero em ti por nós. Significa ser aberto ou disponível para o outro. O homem, que se fecha em si mesmo, não é disponível. Ser indisponível significa estar ocupado consigo mesmo. Disponível é o homem que se abre para o contato imediato com o mundo que o rodeia e está disposto a aceitar o dom do momento e a comprometer-se, incondicionalmente, com seus apelos. Em última análise, a liberdade consiste em reduzir a indisponibilidade dentro de nós. (Marcel 1999 apud Zilles, 1988, p.98)

O homem, sendo um ser de possibilidades, pode escolher seu próprio modo de viver e de agir no mundo, mas é no abrir-se ao próximo e o considerando não simplesmente como uma parte da natureza, que o percebe formado com a mesma liberdade que a sua. Assim, a total liberdade realiza-se na comunicação eu-outro entre o homem e Deus.

Na relação com o outro, quando o homem percebe a total liberdade e a ação doadora, desinteressada que lhe é oferecida, assume sua existência como algo que o completa e o mantém seguro em seu caminho. Nascem nesse indivíduo os sentimentos mais puros e autênticos para que ele concretize seus objetivos, não sozinho, mas com a ajuda do outro que está sempre ao seu redor e com o auxílio da graça divina que o acompanha. Dessa maneira o homem se

compromete consigo mesmo e com o outro, pois sua existência alcança o outro, é estar na presença do outro.

Presença significa algo mais e algo diferente ao simples fato de estar aí. O ser não simplesmente está, mas é ativo, seja sozinho porque está à procura e em busca das respostas e de sua efetiva construção, ou simplesmente no desabrochar ou já no estado de encontro autêntico da alteridade. Nessa relação de encontro, a esperança se concretiza, uma vez que sua análise parte da experiência ontológica. É necessário que haja perseverança, e acreditar que algo é possível mesmo quando há indicações do contrário. Esperar exige compromisso e implica ir ao encontro do outro, estar em comunhão com ele, e juntos fazer acontecer o que ambos esperam.

Um ponto importante na concretização da esperança é a resposta ontológica à tentação do desesperar. Essa resposta indica um ponto de indiferença, onde o desesperar solicita um ponto de apoio; essa é a exigência do ser, ele exige a esperança, a disponibilidade da alma em uma experiência de comunhão.

A esperança é essencialmente, se poderia dizer, a disponibilidade de uma alma tão profundamente comprometida em uma experiência de comunhão como para levar a cabo o ato que transcende a oposição entre o querer e o conhecer, mediante a qual se afirma a perenidade vivente da qual esta experiência lhe oferece, ao mesmo tempo o melhor, a garantia e as primícias²¹ (Marcel, 2005, p. 79)

Nessa perspectiva, a esperança, sempre visa resultados positivos relacionados com as diversas circunstâncias da vida do itinerante. Ela requer perseverança, esforço, e a necessidade de acreditar que algo é possível mesmo quando há indicações do contrário.

O conceito de esperança segundo Marcel se comprehende na disponibilidade da alma. Ele afirma que tem quase certeza de que a esperança é para a alma o que a respiração é para o ser vivo, e enfatiza a natureza inerente e

²¹ Zilles faz essa citação com a seguinte tradução: “A esperança é essencialmente a disponibilidade de um espírito que se engaja o bastante intimamente numa experiência de comunhão para realizar, apesar de toda a vontade e do conhecimento, um ato transcendental, o ato que estabelece a negação vital de que experiência é, ao mesmo tempo, a razão e primícia” (Marcel apud Zilles, 1988, p. 107).

fundamental da esperança para a alma. A alma e esperança possuem um vínculo íntimo, no qual esta é um saber, que seria uma graça²², e de nenhuma maneira uma conquista, de certo modo, é como um estado natural da alma, uma qualidade inata que a alma possui.

Poder-se-ia dizer que a esperança é essencialmente a disponibilidade de uma alma bastante e intimamente comprometida em uma experiência de comunhão para cumprir o ato transcendente à oposição da vontade e do conhecimento pelo qual ela afirma a perenidade vivente, da qual essa experiência oferece, por sua vez, a roupa e as primícias. (Marcel, 2005, p. 91).

A alma em sua disponibilidade necessita de total liberdade para que, a esperança possa se manifestar em sua plenitude. E para que haja o anseio por libertação que se estrutura na dialética, necessário se faz a experiência de cativeiro²³, experiência mais pura e genuína do sofrimento.

Tratemos de situar de maneira mais próxima o sentido desta palavra, desentranhar os caracteres de toda situação que se deixa traduzir pela expressão “ser cativeiro de”. Trata-se de um sofrimento. Porém, em que condições o sofrimento pode chegar a ser uma experiência de cativeiro? É necessário subtrair o papel que tem aqui a “duração”: apresento-me a mim mesmo como cativeiro se me encontro não somente resoluto, senão complexificado sob uma pressão exterior em um modo de existência que me é imposto e implica restrições de toda ordem para meu próprio trabalho. Ademais, o que caracteriza todas as situações que evocamos neste momento é que elas implicam invariavelmente a impossibilidade que me vejo reduzido, não necessariamente de mover-me e até de atuar com certa relativa liberdade, senão de “acceder a uma plenitude de vida que pode ser uma plenitude do sentimento ou, assim mesmo, do pensamento propriamente dito” Na verdade, pode ocorrer que, arrancando-me de mim mesmo, esse sofrimento dê lugar ao fato de que eu alcance uma consciência bastante aguda, que, sem ele, esta integridade aguda que agora aspiro a reconquistar não se apresente. É assim, por exemplo, para o enfermo em quem a palavra “saúde” despertará uma riqueza de elementos harmônicos geralmente insuspeitas pelo homem sô. (Marcel, 1944, p. 48 apud Cruvinel 2023, p. 102).

Estamos em um “cativeiro existencial”, encontramo-nos ávidos de esperança. Porém, o acesso ao ser, que se configura aqui como esperança, não é

²² A graça é algo que é dado, que se manifesta espontaneamente na alma.

²³ Os termos prova, provação, factum, cativeiro, prisão, trevas são utilizados por Marcel para designar um sofrimento perpassado, o qual pode gerar atitudes de desespero (Azevedo, 2012, p. 4).

possível pela via problemática, mas apenas através de um mergulho radical no mistério (Cruvinel 2023, p. 103). Ainda sobre a estrutura dialética, “Tudo o que se puder dizer é que a dialética tem por resultado o surgimento da situação fundamental à qual a esperança tem a missão de responder como a um pedido de socorro” (Azevedo, 2012, p. 4). Faz-se importante a presença da admiração e da gratuidade no indivíduo, para que possa plenamente se colocar no estado de alteridade, essa que por sua vez será o apoio do pedido de socorro. Marcel afirma que “arrancando-nos de nós mesmos, nos é permitido tomar consciência de um modo muito mais agudo, como não havia podido sem ela, da integridade perdida e que agora aspiramos em reencontrar” (Marcel, 2005, p.43).

A referida virtude que se é refletida, possui um aspecto geral da humanidade, uma solidariedade mútua que Marcel esquia-se do sentido platônico. A esperança é dada como mistério, nela há algo de humilde, tímido e casto. Não deve e não pode coisificar a esperança, tornando-a longe da experiência cotidiana. Desse modo somente se pode construir uma filosofia da esperança a partir do âmbito do mistério trabalhado e exposto. “Nessa categoria, afirma-se que somente pode haver esperança onde intervém a tentação de desesperar, visto que a esperança é o ato pelo qual esta tentação é ativa ou vitoriosamente superada” (Marcel apud Azevedo, 2012, p. 5). A esperança proporciona uma força atuante para quem a experimenta, que o faz assumir uma postura de não desesperar jamais.

Assim observa-se que no cristianismo a esperança é apresentada como uma das três virtudes teologais. Na *Carta Encíclica Spe Salvi* de Sua Santidade o Papa Bento XVI, a esperança é colocada como equivalente à fé, pois, em várias passagens da Sagrada Escritura, é possível intercambiar os dois termos.

A virtude da esperança é infusa por Deus na alma, pela qual tem-se uma certa ajuda divina para alcançar o céu. Com ela, o fiel sabe que nunca deixará de obter a ajuda, e por esse motivo, estão sempre prontos a lutar seja contra as tentações ou os pecados, para que possa alcançar o esperado, que nesse caso é o céu e/ou a vida eterna.

O Deus vivo dos cristãos, é referido como o encontro com uma esperança que era mais forte que os sofrimentos da escravatura. Essa determinada afirmação encontra-se com máxima evidência na carta de São Paulo a Filêmon²⁴.

No século XX, certa interpretação de Lutero sobre a disposição do sujeito impôs-se na exegese católica, pelo menos na Alemanha, ditando que: “Fé é permanecer firmes naquilo que se espera, estar convencidos daquilo que não se vê... confere à vida uma nova base, um novo fundamento, sobre o qual o homem se pode apoiar” (Bento XVI, 2008, p.15,17).

São Pio X refletiu sobre dois pecados contra a virtude da esperança cristã: a presunção e o desespero. O primeiro consistiu em achar que se pode possuir a Deus, tanto pela graça quanto na vida eterna, sem o auxílio divino. O segundo consistiu em achar que nunca se conseguirá alcançar a vida eterna ou nunca será perdoado de seus pecados, isso acontece provavelmente em pessoas que

²⁴ Cf. Bíblia de Jerusalém, Filemôn 1-25, p. 2082. “Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, a Filemon, nosso muito amado colaborador, à nossa irmã Ápia, ao nosso companheiro de armas Arquipo, e à Igreja que se reúne na tua casa. Graça e paz a vós, da Parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Dou sempre graças ao meu Deus, lembrando-me de ti em minhas orações, porque ouço falar do teu amor e da fé que te anima em relação ao Senhor Jesus e para com todos os santos. Possa a tua generosidade, inspirada pela fé tornar-se eficaz pelo conhecimento de todo bem que nos é dado realizar por Cristo. De fato, tive grande alegria e consolação por causa do teu amor, pois, graças a ti, irmão, foram reconfortados os corações dos santos. Por isso, tendo embora toda liberdade em Cristo de te ordenar o que convém, prefiro fazer um pedido invocando a caridade. É na qualidade de Paulo, velho e agora também prisioneiro de Cristo Jesus, que venho suplicar-te em favor do meu filho Onésimo, que gerei na prisão. Outrora ele te foi inútil, mas doravante será muito útil a ti, como se tornou para mim. Mando-o de volta a ti; ele é como se fosse meu próprio coração. Eu queria segurá-lo comigo para que, em teu nome, ele me servisse nesta prisão que me valeu a pregação do Evangelho. Entretanto, nada quis fazer sem teu consentimento, para que tua boa ação não fosse como que forçada, mas espontânea. Talvez ele tenha sido retirado de ti por um pouco de tempo, a fim de que o recuperasses para sempre, não mais como escravo, mas bem melhor do que como escravo, como irmão amado: muitíssimo para mim e tanto mais para ti, segundo a carne e segundo o Senhor. Portanto, se me consideras teu amigo, recebe-o como se fosse a mim mesmo. E se ele te deu algum prejuízo ou te deve alguma coisa, põe isso na minha conta. Eu, Paulo, escrevo de meu punho, eu pagarei... para não dizer que também tu és devedor de ti mesmo a mim! Sim, irmão, eu quisera mesmo abusar da tua bondade no Senhor! Dá este conforto a meu coração em Cristo. Eu te escrevo certo da tua obediência e sabendo que farás ainda mais do que te peço. Ao mesmo tempo, prepara-me também um alojamento, porque, graças às vossas orações, espero que vos verei restituído. Saudações de Epafras, meu companheiro de prisão em Cristo Jesus, de Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores. A graça do senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito!”

A Carta a Filemon demonstra a importância da unidade e da reconciliação entre os cristãos, independentemente da sua condição social. Ela desafia a estrutura social da época, que se baseava na escravidão, e proclama a igualdade em Cristo; é um exemplo da força do evangelho em transformar as relações humanas e sociais.

passam por muitos sofrimentos. Segundo o santo, todos os fiéis que vivem na terra em estado de graça possuem a virtude da esperança.

“A verdadeira esperança não traz certeza, supõe a dúvida, exige a fé, a comunhão e a entrega mútua em um projeto em que se crê atingir determinado fim, mas que jamais se tem plena certeza de alcançá-lo” (Oliveira 2011, p. 69). Analisando a virtude tanto em Marcel como no cristianismo, é perceptível a manifestação da total entrega no esperar, não objetivado no material, mas em uma relação metafísica, onde o sujeito, dotado de disponibilidade, perseverança e liberdade enfrenta os desafios em seu trajeto existencial ou em sua viagem, sempre com o auxílio do outro, seja Deus com sua graça, seja o próximo com sua presença.

4.4 Esperança

Gabriel Marcel defendeativamente a presença da alteridade para a consolidação da esperança, pois o ser que exige uma resposta deve na presença do outro, se fazer presente também, pois, sozinho não consegue completamente se desvelar e conhecer todas as suas capacidades. A busca da própria identidade inclui o encontro com o outro. O indivíduo existente, na perspectiva filosófica, de certo modo deixa sua identidade de lado para abranger a do outro, no sentido que ambos podem chegar ao conhecimento mútuo.

Portanto, a superação da provação necessita da esperança, e esta para que se consolide necessita da experiência da alteridade, mas é necessária a experiência de cativeiro para que a autêntica esperança nasça.

A esperança ou o esperar exige compromisso e engajamento, é preciso ir ao encontro do outro e estar em comunhão com ele, para juntos fazer acontecer o que se espera. É necessário evocar o auxílio alheio, que significa aquele que espera, não espera só. Marcel em sua reflexão sobre a esperança distingue o ‘esperar de’ e ‘esperar em’:

‘Esperar de’ significa acreditar que a realização do que se espera depende exclusivamente do outro, ou seja, a ação é totalmente exterior àquele que espera. O Eu espera que outras forças realizem seu “desexo”, mas não toma parte na ação, não se engaja no projeto para fazer acontecer o que se espera. ‘Esperar de’ é reivindicar algo, esperar que

outros façam por ele, ou exigir que o outro faça por ele. Enfim, implica aguardar passivamente que se concretize o que se deseja. Por sua vez, o ‘esperar em’ pressupõe que aquele que espera se envolva para superar a provação com todo o seu ser. Responde com o seu ser ao chamado de fazer acontecer. Evoca o auxílio do outro e espera receber a ajuda daqueles que responderam ao seu chamado. A evocação e a resposta afirmativa de auxílio implicam confiança, compromisso, união em prol de uma causa. Propiciam uma energia, força e atitude criativa para transformar as trevas em luz, a prisão em liberdade, o que só é possível na co-participação (Oliveira, 2011, p. 70).

Ele já alertava que os homens parecem, em geral, cada vez menos capazes de ‘esperar em’. Essa distinção que faz demonstra sem muito esforço a ação do eu autêntico em relação ao outro; onde a abertura exige uma comunhão que transcenda a subjetividade, e na transcendência faz aparecer o nós, e o Eu e o outro se doam e estabelecem uma relação intersubjetiva.

Assim, naquele que ‘espera em’, nasce em seu coração o amor e o propósito encontro. “Se fixarmos os olhos sobre o ato da hospitalidade, nós veremos imediatamente que receber não é apenas preencher um vazio com uma presença estrangeira, mas fazer participar o outro em certa plenitude” (Marcel, 1999, p.46 apud Oliveira 2011, p.71). O que só é possível quando o eu em sua totalidade, se abre ao encontro com o outro sem esperar nada em troca, a não ser seu pleno auxílio.

Esperar exige o acreditar, e ter força a serviço do bem. Superar o desespero, os obstáculos e as provações que surgem ao longo da existência, é de fundamental necessidade. Mas para que isso se concretize, faz-se necessário a presença doadora do outro, pois, o ser sozinho não consegue em suas dificuldades transpor todas as barreiras; é algo extremamente difícil e doloroso. O homem é um ser de relações e não foi criado para viver a individualidade, mas sim na doação para com o outro, onde ambos se completam e se reconhecem.

A relação que é extremamente dialogal é também autentica, e “[...] só se pode falar de esperança ali onde existe esta interação entre o que dá e o que recebe esta troca que é sinal de toda a vida espiritual” (Marcel, 2005, p.61). Marcel concebe como concreta a virtude da esperança, e somente se pode falar dela em uma situação desesperadora.

A verdade é que só pode haver, propriamente esperança onde intervém a tentação de desesperar; a esperança é o ato pelo qual esta tentação é ativa ou vitoriosamente superada, sem que esta vitória seja acompanhada necessariamente de um sentimento de esforço: inclusive eu chegaria a afirmar que este sentimento não é compatível com a esperança pura. (Marcel, 2005, p. 48).

A esperança está situada no campo do mistério, que por vezes pode ser confundido com superstição e religiosidade, porém, é a análise própria metafísica, é o campo do ser, o qual não pode ser mediatizado, nem comunicado. Não se fixa em situação específica, mas lança-se além e se estrutura no ser. É o ato pelo qual a tentação do desesperar é ativa ou vitoriosamente superada.

O eu espero é identificado com a virtude da esperança, e é sua própria estrutura. O esperar se intensifica com a liberdade, e imprescindivelmente se faz necessário na estrutura proposta, o amor; afirma Marcel que: “amar alguém é estabelecer relações de espera, de paciência, de reciprocidade e de troca” (Marcel apud Azevedo, 2012, p.10).

Na vida do existente, a abertura para a comunhão, é um passo valioso para a retirada do humano da solidão e do desespero que são características de uma grande tentação da humanidade. O filósofo francês sustenta em sua reflexão que a única saída para a construção de uma civilização esperançosa somente se torna possível na comunhão, na fidelidade e no amor. É necessário uma mudança radical nas relações humanas e com o mundo, longe da visão individualista e egoísta; na comunhão isso engloba a participação ativa e responsável reconhecendo a importância de cada indivíduo e suas relações, por vez a fidelidade não se limita a promessas ou compromissos, mas um compromisso profundo com o ser, e o amor é o motor que impulsiona essa comunhão e a fidelidade, transcende a paixão e se estende a todos, incluindo os que se encontram em sofrimento.

Assim, a esperança refere-se a algo que, na ordem natural, não depende do homem. Sua base é a consciência de uma situação que convida ao desespero, como a doença e a perdição. É uma luz que penetra nas trevas da existência do homem, e o preserva do desespero. “Quanto mais consciência o homem tiver de sua situação de cativeiro, mais capaz se torna de perceber o brilho da luz misteriosa da esperança” (Zilles, 1988, p.104).

Marcel afirma em sua obra *Homo Viator* que todo sofrimento ou cativeiro participa de uma separação ou dissociação e é necessário para concretização autêntica da esperança que nada mais é do que o “eu espero”, assim o indivíduo necessita sair da escuridão, e adentrar com maior profundidade nessa força salvadora, na luz que emerge como autenticidade e é a verdadeira transição ou passagem para o estado de liberdade. A esperança situa-se no quadro da prova à qual nos conduz a duas ideias do “eu espero”, a primeira é “esperar em” e a segunda “esperar de”.

Aqui aparece em sua originalidade, acrescentaria à sua excelência, a relação expressa pelas palavras “esperar em”. Parece que uma filosofia baseada no contratual é suscetível de ignorar o valor desta relação. Acrescentarei, contudo, que aqui, como em todo o lado, tende inevitavelmente a haver um certo deslize, uma certa degradação, e a esperança torna-se em “esperar de”, depois “considerar como certo”, isto é, “contar com”. Finalmente “fingir” ou “reivindicar”. As dificuldades perpetuamente recorrentes que uma filosofia da esperança encontra, consistem em grande parte no fato de que tendemos a substituir uma relação inicial, ao mesmo tempo pura e misteriosa, por relações subsequentes, certamente mais inteligíveis, mas ao mesmo tempo, mais deficiente em termos de conteúdo ontológico. (Marcel 2005, p. 67).

A esperança funda-se no invisível, ou seja, é impossível nos aproximarmos ou a caracterizarmos a partir de situações ou considerações objetivas, empíricas e até problemáticas, pois Marcel afirma que o problema é objetivável, é algo que se encontra como obstáculo no caminho e está inteiramente diante do ser.

Tomamos, por conseguinte as duas dimensões do eu espero como ponto distintos e conectados que são analisados por Marcel para aproximação da experiência de alteridade e fundamentação da esperança. É necessário se passar do “eu espero que” para um “eu espero”, absoluto e significativo. Há uma espécie de apelo, uma resposta do ser.

No esperar, a fé e a esperança estão ligadas entre si. No método marceliano é necessário considerar o tríplice eixo para compreensão de sua filosofia engajada e uma metafísica um pouco fora do tradicional, onde através do corpo o homem encontra sua extensão e conexão com o outro e o mundo que o cerca. Esse tripé é essencialmente definido como conceitos de amor, fidelidade e esperança, necessário ao homem na construção contínua de si mesmo. Na obra

Homo Viator sobre o homem itinerante (Marcel, 2005), a esperança foi analisada na simplicidade da manifestação metafísica. A alteridade manifesta-se no ser humano itinerante ainda por se fazer, e leva-o a esperar.

A esperança é conduzida numa perspectiva de liberdade, doação, gratuidade e fraternidade; ela é o laço que une dois indivíduos numa relação recíproca onde um doa ao outro, e na autenticidade ambos se reconhecem e desvelam o mistério do seu ser. Como Marcel afirma, a esperança sempre deve nascer do desespero, da marca negativa buscada e experimentada no contexto do “eu espero”. A esperança deve ser como o “viático para o ser”

Nessa perspectiva do eu espero, há uma separação distinta e fundamentada para concepção e percepção da esperança em sua forma autêntica e presente. O “Esperar de”, a pessoa que espera exige que se cumpra seu desejo, e espera que o outro faça por ele, e por se converter em obrigação, a graça não pode mais assim ser denominada.

Significa acreditar que a realização do que se espera depende exclusivamente do outro, ou seja, a ação é totalmente exterior àquele que espera. É esperar que outros façam por ele, ou exigir que o outro faça por ele. Enfim, implica aguardar passivamente. O Eu não se engaja e não toma parte na ação, é inerte ao encontro, não há autenticidade e não há cumplicidade para manifestação de sua totalidade.

Por outro lado, o “esperar em” pressupõe que aquele que espera não espera só. Ele necessita do outro, do encontro para que possa se manifestar em sua totalidade, em sua autenticidade. Há necessidade de engajamento e comprometimento entre eles. Marcel reconhece que há fidelidade entre os homens, pois sem ela, é impossível a convivência humana, e quando há fidelidade autêntica, o eu pode transcender o tempo, para além de toda instabilidade do mundo sensível. Se manifesta pela fé, é a ‘presença eternizada ativamente’, a ‘renovação do benefício da presença’. Essa presença perpetuada e reconhecida por ambos no encontro, demonstram as características essenciais do “esperar em”. Assim define Oliveira:

Responde com seu ser ao chamado e faz acontecer. Evoca o auxílio do outro e espera receber a ajuda daqueles que responderem ao seu chamado. A evocação e a resposta afirmativa de auxílio implicam

confiança, compromisso, união em prol de uma causa. Propiciam uma energia, força e atitude criativa para transformar as trevas em luz, a prisão em liberdade, o que só é possível na coparticipação. (Oliveira, 2011, p. 70)

Quando se espera no outro com algum tipo de interesse, ou se deseja algo apenas como um bem exterior, já se exclui a pureza ou autenticidade do esperar, pois já está corrompida, perdeu-se a sua busca inicial. É querer do outro ou de algo apenas a sua posse, é não estar comprometido. A partir desses relatos e reflexões podemos analisar de forma clara o “esperar de” e “esperar em”.

Gabriel Marcel ao tentar apresentar a esperança como uma espécie de “viático” ou algo parecido para que o ser possa ser transformado de sua situação penosa para uma situação quase que vitoriosa, demonstrar o ser como ontológico, transcendente, relacional e coparticipativo.

Gabriel Marcel insiste em realçar o “estatuto metafísico da esperança” (MEII: 156), o seu “valor ontológico” enquanto verdadeiro “ato de transcendência” e não mera “disposição subjetiva”. Em nada se reduz a qualquer processo ou estado psicológico: optimismo, auto-sugestão, ilusão desiderativa, ou outra figuração obsidiante visando iludir a realidade. O malogro, o sofrimento, a consciência da contingência e da finitude são o chão de onde brota, e deve brotar, a esperança, pois, como estabelece a fenomenologia marceliana, “as condições de possibilidade da esperança coincidem com as do desespero” ou, dito de outro modo, “na base da esperança há a consciência de uma situação que nos convida a desesperar” (EAI:115, 92). A esperança é uma “resposta do ser” à “provação da existência” na vivência das “situações-limite” do exílio, da servidão, da doença, mas também da própria condição fundamental do homem sujeito à angústia da temporalidade e ao “inespoir” (desesperança) ante a morte que nela acena, a que acrescem os males do mundo contemporâneo em cujo diagnóstico Marcel se demora: a massificação social, a ilusão cibernetica, a alienação no quotidiano funcionalizado, o tédio ou a angústia, a perda ou perversão do sentido do sagrado, etc. Foi em plena Ocupação - durante a II Grande Guerra - que emergiram estas reflexões, mas este contexto histórico apenas permitiu evidenciar o alcance fundamental desta experiência. É, portanto, a própria existência humana que pode aparecer, de modo essencial, como um “cativeiro” e um “exílio”. (Beato, p. 235-236)

Gabriel Marcel ao formular sua metafísica da esperança e o corpo como extensão do ser, submerge o homem em uma realidade de mistério e transcendência fundamentado na experiência de vida, doação e gratuidade, liberdade e responsabilidade, amor e fidelidade, engajamento. A recusa pelo ter e a opção

pela itinerância caracteriza a decisão pela liberdade do não saber, e de poder escolher uma direção

Ligado ao engajamento do ser como algo necessariamente importante e presente; encarnado, vivência marcante, consolidação de ideais “revolucionários” ou de mudanças reais na estrutura social a nas relações humanas do ser como autêntico, metafísico e de mistério. É assim que Gabriel Marcel se define e define o outro.

A contribuição de Marcel para o pensamento moderno consistiu da exploração e esclarecimento de um amplo escopo da experiência humana – confiança, fidelidade, promessa, testemunho, esperança, e desespero – que tinham sido deixadas de lado pelas escolas predominantes da filosofia moderna como não susceptíveis de consideração filosófica. A primeira preocupação da filosofia é este fato imediato, a existência no mundo.

Marcel ao tentar definir ou apresentar o conceito de alteridade, não pode se esquivar de conceitos relacionais, pois o indivíduo necessita compreender a si e aos outros com quem constrói a História.

[...] o homem é o sujeito concreto que está no mundo e, nesse mundo, relaciona-se com outros homens, sujeitos reais e concretos; e na experiência da convivência da alteridade, no mútuo reconhecimento, constroem e compreendem a vida, viabilizando o pensamento verdadeiro, impossível fora das experiências existenciais reais. Oliveira, 2011, p. 88.

A experiência do existente se dá com a convivência no encontro, e isso supõe a presença do outro; é necessário que o existente se mostre ao outro e seja capaz de vê-lo. Essa realização da experiência do encontro é marcada pelas três virtudes essenciais: a esperança, o amor e a fidelidade, e exigem o encontro e o reconhecimento da alteridade.

Segundo Buber, a relação, diferentemente da mera experiência, exige reciprocidade e inter-relação. Aqui Marcel define como experiência do encontro, o eu se torna consciente de si mesmo e de sua existência concreta no mundo.

4.5 Relação dialógica

A relação (necessária) com o outro deve ser dialógica, uma relação entre o Eu total e o outro como um Ser, uma presença, um mistério, e não apenas um objeto ou coisa dotada de percepção, pensamento e expressão. Seu primeiro conceito central de “participação”, a comunhão direta com a realidade, foi elaborado gradualmente para esclarecer, desde a consciência elementar de alguém em relação ao próprio corpo e percepção sensível, até a relação entre os seres humanos e o ser último.

Sobre a situação do ser, não é distinguido ou separado por sexo e gênero, mas compreendido em sua totalidade existencial, encarnada e engajada na sociedade e no mundo que o cerca; uma sociedade já perplexa e interesseira no que o outro tem a oferecer de modo gratuito, mas sem solidariedade ou fraternidade, o que importa aqui é o ter.

Para Marcel, o amor é tão forte que supera a morte e sofrimentos, e isso o despertou para uma realidade invisível, transcendental. A reflexão de Marcel levou a descoberta de um Transcendente doador de liberdade e de graça.

Para ele, o peregrino quando possui um objetivo, facilita seu caminhar, não é ausente de perguntas que sempre o acompanham, análises detalhadas de diversos assuntos, e sempre à espera de respostas. Como o próprio Marcel afirma, a vida se reduz a uma viagem, e muitas vezes o que se alcança é simplesmente o esperar. A espera que abrange confiança e perseverança, onde o ser tem mais valor que o ter.

Na existência do ser humano, a relação com o outro é necessária para sua própria sobrevivência. O ser sozinho não é capaz de se compreender e se conhecer totalmente, pois o olhar do outro revela o que o ser realmente é. O homem não é só razão, há o equilíbrio com o sentimento, e isso o caracteriza como um ser diferente de todos que foram criados; mesmo que os filósofos entendam, que os sentimentos pertencem ao campo do irracional. Deve-se ver as coisas como são, movidos não só pelos sentimentos, mas em equilíbrio com a razão.

O indivíduo busca em sua viagem diversas maneiras de se encontrar e que possam de certo modo definir ou dar sentido a sua existência. E o que se faz

essencial na alteridade, segundo Gabriel Marcel, é a característica da disponibilidade.

A liberdade, que é refletida por Marcel, nasce de um espaço criativo entre o eu e o outro. Ela está inteiramente incluída na disponibilidade, que é sempre o ser aberto para algo; é capaz de doar-se, assumir compromissos e de transformar simples circunstâncias em oportunidades de construir o próprio destino. O que está estritamente arraigado na prática da liberdade é a fraternidade que se orienta para o outro e a percepção da irmandade na relação, juntas dão ao homem a capacidade de estar ligado ao próximo de maneira que o vínculo não escravize.

O esperar é a principal estrutura da esperança, e intrinsecamente experienciada no amor e na fidelidade. A disponibilidade da alma nasce da necessidade de engajamento do indivíduo em uma relação concreta com a realidade e interligada no mistério do ser que é o lugar da liberdade e de possibilidades.

A máxima liberdade realiza-se na comunicação eu-tu entre o homem e Deus, e a transcendência assume o aspecto de amor²⁵. O mistério é o princípio de sua reflexão filosófica, e compreende que o ser, é marcado pela liberdade e possibilidade, e só poderá ser desvelado parcialmente, pois afirma que, “O mistério, por sua estrutura interior, sempre permanecerá mistério” (Zilles, 1995, p. 48).

Em Sua reflexão sobre o ser, não segue o caminho da metafísica tradicional, pois segundo ele, o ser enquanto ser não pode ser pensado de maneira abstrata, desencarnado. Acredita que o ser não pode ser apreendido a priori, e nem por um processo de iluminação. Assim, constrói pilares sobre os quais edifica uma metafísica verdadeira, a metafísica concreta ou existencial²⁶. Sua filosofia é caracterizada como um pensamento a caminho.

²⁵ Cf. Zilles, 1988, p. 99. Quando se aceita a graça livre e soberana do Deus vivo e se abre ao seu amor e lhe responde, encontra-se nela o grau máximo do ser e da liberdade.

²⁶ Cf. Oliveira, 2011, p. 24. Marcel se afasta da metafísica tradicional e assume uma dupla tarefa. A primeira, decompor os valores sobre os quais se assentava a metafísica tradicional; a segunda, construir os novos pilares onde os quais deveria ser edificada uma metafísica verdadeira, concreta ou existencial.

5. AMOR E FIDELIDADE

O filósofo francês sustenta que a única saída para a construção de uma civilização nova e esperançosa é possível no horizonte da comunhão, da fidelidade e do amor. Ambas as virtudes interligadas à esperança como tripé central da filosofia marceliana, se apresentam na concretude da relação com o outro e na transcendência. É a experiência da plenitude e o ato de se comprometer.

5.1 A virtude do amor

Nos escritos de Gabriel Marcel, a ontologia se faz marcante e a alteridade como essencial para que o ser que está em construção possa ter as possibilidades necessárias para a manifestação das virtudes do amor, da esperança e da fidelidade; ele reforça que o homem é um ser relacional e transcidente.

Ao analisarmos a virtude do amor segundo Marcel, constatamos que sua filosofia concreta é marcada também pela fidelidade e esperança; virtudes essas que, juntas são o tripé dessa reflexão. Oliveira afirma que “o ser autêntico é incondicionalmente disponível ao outro a partir da experiência do amor, da esperança e da fidelidade. [...] as pessoas que amam, possuem uma autêntica esperança e são fiéis...” (Oliveira, 2011, p. 63), virtudes essas que estão fundadas na disponibilidade e no encontro, pois são conceitos intimamente ligados e refletem o ser humano como relacional e comprometido com a realidade e a transcendência.

Para compreensão da existência a partir de Marcel, o amor é um conceito central o qual se caracteriza como uma forma de ser e se relacionar com o outro, pois há manifestação da participação do próprio ser. O amor é relação entre o amante e o amado. Ele mesmo chama o amor de experiência de plenitude, “Só se pode colocar o tema do amor numa dialética de participação. Amar alguém significa participar em sua vida. O amor surge como invocação. É a vida que troca de centro. O amor cria o tu. Mas só pode haver o tu para quem dá crédito” (Zilles, 1988, p. 72). Essa ideia de plenitude, significa alcançar o outro em sua totalidade, é como mencionado, trocar de centro, há uma fusão de corações, de doação incondicional. O tu supõe a presença da alteridade, Zilles afirma ainda

que “o tu enquanto tu é co-presença que me faz ser um “e”u. A relação como participação no ser deve ser considerada no plano do amor, que me une aos outros seres” (Zilles, 1988, p. 46). Amar implica doar-se incondicionalmente a alguém.

A experiência do amor exige a intersubjetividade²⁷ como essencial para compreender a natureza humana e o encontro com o Ser, tecida no e pelo amor. Marcel enfatiza a importância do “existir-com”, onde o “eu” se define através do reconhecimento do “tu”, tratado como presença, rejeitando o “ele” como objeto de despersonalização; essa experiência impede que o amado seja coisificado.

Amar a um ser é, esperar dele algo indefinível, imprevisível; é, de certo modo, o meio pelo qual poderá responder a esperança.

Marcel fala pouco sobre o amor, não há nenhuma obra especial sobre o tema, mas a experiência de plenitude está presente em toda a sua obra. O conceito está aí, enraizado, disponível, perceptível, é presença transformadora; “o amor implica a libertação do eu, que, longe de pôr-se como essência, se põe como amante. O amor surge como invocação, como chamado” (Marcel, 1927, p. 150 apud Azevedo, 2018, p. 159).

Zilles menciona que o amor é o que cria a caracterização do tu e do eu, porque transforma em “nós”:

Quando amo alguém, oriento meu amor não para predicados. Amo o outro não em virtude do que tem, mas amo o que é, porque é. E quem ama, dá-me uma espécie de crédito. Desta maneira, faz-se pessoa como eu a ele. Na verdade, é absurdo falar do tu como substantivo. Neste caso, tento objetivar certo aspecto de uma experiência, tirando do interior do nós o que não é eu, chamando-o tu. Com isso degradando em ele. O amor não pode ser objetivado, pois o verdadeiro amor não é pensado, mas vivido. (Zilles, 1988, p. 72)

A expressão amor é um infinito, significa que quanto mais eu amo um ser, um outro, mais participo em sua vida; o tomo como totalidade.

O conceito do amor que é experiência de plenitude, não pode ser racionalizado, pois, está além; orienta-se para além da essência, há necessidade de renunciar a todo julgamento.

²⁷ A intersubjetividade, para Marcel, é um dado indubitável, parte integrante da existência humana, que se manifesta através de virtudes como o amor, a esperança e a fidelidade.

O amor é mediador do divino. Quando Marcel diz que nosso relacionamento com Deus deve ser do tipo eu-tu, quer dizer que não é mero ente racional, mas o Deus vivo e pessoal. Não posso considerar sua existência como algo à minha frente. Entre ele e mim, estabelece-se uma relação que transcende a minha própria consciência. Deus não só está à minha frente, mas também dentro de mim. Estou envolvido neste encontro. Dependo dele, sou-lhe interior. O encontro desenvolve-se a partir de dentro. A memória é mais que um mero recordar. É um modo de presença. Entre os que amam de verdade, o ser-com tem caráter global, não podendo ser detalhado. O homem não se cria a si mesmo, mas é criado com as coisas e com os homens. Por isso, o homem não pode existir a não ser no plural. Seu espírito só é com o corpo. Segundo Marcel, este é o ponto de partida para toda a comunhão profunda, significado pela Bíblia quando chama Adão a toda a humanidade. (Zilles, 1988, p. 73).

Marcel indica ao homem, um novo acesso a Deus, na experiência da intersubjetividade. O falar de Deus sempre será humano. “A oração a Deus é, sem dúvida, a maneira mais adequada possível de pensar em Deus para além de toda calculabilidade. [...] É no amago do amor que brota a esperança da imortalidade” (Zilles, 1988, p. 74).

5.2 A virtude da fidelidade

Ainda sobre a constatação da filosofia concreta marceliana marcada pela esperança e pelo amor, também há destaque especial para a fidelidade, pois a “esperança é irmã da fidelidade” (Ricoeur, 1947, p. 304 apud Azevedo, 2018, p. 162).

A fidelidade, para Marcel, não se limita à obediência a regras ou compromissos, mas implica uma abertura ao outro, seja ele outro ser humano, a realidade ou a transcendência. Essa abertura, leva ao encontro, por sua vez, é a experiência de contato com essa realidade, um ato de reconhecimento e de abertura a algo que transcende o próprio eu; essa abertura leva ao concreto, à relação de plenitude.

É um princípio criador que se manifesta na capacidade de tomar decisões e se comprometer, é uma fidelidade ao ser, algo que constrói o diálogo e a relação, ou seja, o ser é dialogal e relacional.

Marcel parte da promessa, se alguém a faz, deve cumpri-la.

O ser designa o lugar metafísico do qual emerge a fidelidade: "Como posso eu prometer, engajar meu futuro? Problema metafísico. Todo o engajamento é parcialmente incondicional, isto é, pertence à sua essência abstrair de certos elementos variáveis da situação na qual contraio o contrato ..." (Etre et Avoir, p. 56 apud Zilles, 1988, p. 78).

O engajamento é uma experiência necessária ao ser. Marcel escreve: "O engajamento só é possível a um ser que não se confunde com a situação do momento e que reconhece esta diferença entre si e sua situação e que, por conseguinte, se concebe como transcidente a seu devir e é fiador de si mesmo" (Etre et Avoir, p. 57-58 apud Zilles 1988, p. 79).

Sem a fidelidade, é impossível a convivência humana. "E, se há fidelidade autêntica às promessas, é porque há, no homem, um eu mais profundo que a disposição momentânea. E este eu, pode transcender o tempo." (Zilles, 1988, p. 79). Não há engajamento sem compromisso, sem a ação do ser. Todo engajamento é uma resposta, e a fidelidade não é em si mesma, mas funda-se no ser tomado (*être pris*)²⁸.

Fidelidade é o engajamento do meu ser no ser, é a expressão mais pura e real da participação, supõe o desinteresse, e mútua doação; exige livre adesão, liberdade. Ela é ontológica e possibilita acesso ao mistério. "A fidelidade é a presença ativamente perpetuada; é a renovação do benefício da presença, de sua virtude, que consiste em ser um convite misterioso a crer" (Pa, 1949, p. 79 apud Azevedo, 2018, p. 164).

A fidelidade para Marcel é:

[...] possui um misterioso poder de renovar não apenas a quem a pratica, mas inclusive o seu objeto, por indigno que tenha sido dela no princípio, como se ela tivesse a oportunidade - provavelmente não tem nada de fatal aqui - de se converter, no fim, em meio ao sopro que anima a alma interiormente consagrada. (Marcel, 2005, p. 145).

²⁸ Cf. Etre et Avoir, p. 63-64 apud Zilles, 1988, p. 79-80. "A origem de todo engajamento é um juízo que tem significação fundamental, mas não exclui o ser tomado pela realidade. Ao contrário, o ser tomado é a fonte do próprio juízo que alarga o horizonte da compreensão e o aprova".

O homem é chamado a ser fiel a si mesmo e ao ser que irá construir. Implica viver conforme o que se pensa ou se crê, é saber ouvir e atender o chamado íntimo. Por fim, a fidelidade é um ato próprio daquele que se doa na liberdade.

A fidelidade a si mesmo não é fácil, a presença também não o é. O ser que se é está em construção ao longo do caminho, ora brilha, ora sofre eclipse. Mas apesar de toda dificuldade, a fidelidade a si mesmo é apenas uma fagulha da criação. Ela corresponde ao processo de partilhar o dom que recebeu, dom do qual se é depositário e que deve estar à disposição de todos os que dele necessitam, construindo a si e o mundo no qual está situado. (Oliveira, 2011, p. 80).

A fidelidade exige disponibilidade para que aconteça o encontro e o amar; para que sejam fiéis.

6. CONCLUSÃO

A esperança como tema central dessa pesquisa, é algo difícil de apesar tar fora da realidade engajada. O ser necessita de estar no mundo para que possa realizar pelo olhar do outro a experiência da consciência de si e do encontro autêntico. É um ser encarnado que só pode ser reconhecido na experiência subjetiva.

A experiência do encontro necessita de engajamento para que o ser efetue sua potencialidade e alcance o outro em sua plenitude. As características da disponibilidade, liberdade, compromisso, gratuidade entre outros, são necessárias para que molde a construção do viandante, pois o mesmo carrega em si o desejo pleno de reconhecer no outro a concretude da relação autêntica; o chamado supõe co-participação.

Conclui-se nessa pesquisa, que a esperança autêntica só é possível pela alteridade, incluindo a experiência de cativeiro e sofrimento.

Considerando os três capítulos do trabalho, foi estudado o homem na perspectiva antropológica, tendo sua essência iniciada a partir da ação de Deus e construída e em seu cotidiano no encontro com o outro; assim a ontologia se revela. Como um ser relacional e dialogal necessitado da experiência de alteridade, o homem não pode ser definido em conceitos prontos. É um ser em constante mudança, e em plena construção, necessitado de amor, fidelidade e esperança para um verdadeiro encontro com o outro.

Por fim, demonstrou-se que a esperança abrange a existência numa experiência de comunhão entre o ser humano e o transcendente, exigindo alteridade com o Absoluto e os semelhantes. A esperança só pode ser consolidada com a experiência genuína do cativeiro e com a autenticidade do encontro, onde haja doação e reciprocidade.

A esperança autêntica que Marcel reflete, é somente a ação mais nobre e simples que o indivíduo pode demonstrar manifestando-se sempre verdadeiro e livre para suas escolhas. O contrário de todas as características demonstradas revela-se como esperança inautêntica. A experiência concreta necessita das

virtudes essenciais da filosofia marceliana, esperança, amor e fidelidade; tripé essencial para concretização dos conceitos e propósitos do filósofo Gabriel Marcel.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. de Alfredo Bosi. SP: Martins Fontes, 2003.

ADURIZ, Joaquim. **Gabriel Marcel: el existencialismo de la esperanza**. Espasa-Calpe Mexicana, S.A. México, 1949.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Trad. de César Augusto de Almeida, Antônio Abrantes e Helena Martins. 2º Ed., Rio de Janeiro: Civilização brasileira 2010.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. de Edson Bini. SP: Edipro, 2º ed., 2012.

AZEVEDO, José André de. **A filosofia da esperança segundo Gabriel Marcel**. Dissertação de mestrado em filosofia – Unioeste. Toledo, PR, 2012.

AZEVEDO, José André de. **A exigência de transcendência como Preambulum Fidei na filosofia do mistério de Gabriel Marcel**. Tese de doutorado em teologia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR, 2018.

BEATO, José Marcel. **Do desejo a esperança: tempo e intersubjetividade em Gabriel Marcel**. Disponível em: <https://horizontesdecompromiso.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/0221.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

BENTO XVI, **Spe Salvi** (Carta Encíclica sobre a esperança cristã). 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Filêmon**. 5ª impressão. São Paulo: Paulus, 2008. p. 2082.

BOERSMA, Hans. **Nouvelle théologie & Sacramental Ontology: a return to mystery**. Oxford University press 2009. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199229642.001.0001>.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. de Newton Aquiles Von Zuben. 10º ed. São Paulo: Centauro, 2013.

Cobra, Rubem Q. – **Gabriel Marcel**. Filosofia Contemporânea. Brasília, 2001. Disponível em: www.cobra.pages.nom.br. Acesso em: 23 fev. 2025.

CRUVINEL, Gustavo H. R. **ENCARNAÇÃO E TRANSCENDÊNCIA: GABRIEL MARCEL E O MISTÉRIO DA (CO)EXISTÊNCIA**. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Programa de pós-graduação em Filosofia, 2023. p. 109-108.

GIORDANI, Mário Curtis. **O existencialismo à luz da filosofia cristã**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

GOMES, P. de T. (2015). **Gabriel Marcel: A Filosofia da Existência como Neo-Socratismo**. Reflexão, 32(92). Disponível em <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3052>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HOHEMBERGER, Diones. **Fenomenologia e metafísica da esperança em Gabriel Marcel**. WebArtigos, 2009. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/fenomenologia-e-metafisica-da-esperanca-em-gabriel-marcel/30215>.

Acesso em: 10 out. 2023.

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas**. Trad. de Antônio de Queirós Vasconcelos e Lencastre. 8º vol. Livraria Tavares Martins. Porto, Portugal 1957.

LAROUSSE. **Mini dicionário espanhol/português – português/espanhol**. 2. Ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

MARCEL, Gabriel. **Dos discursos y um, prólogo Autobiográfico**. Barcelona: Herder S.A., 1967

MARCEL, Gabriel. **Être et avoir**. Paris: Aubier-Montaigne, 1935.

MARCEL, Gabriel. **El mistério del Ser**. Buenos Aires: Sudamericana, 1953.

MARCEL, Gabriel. **Filosofia para un tiempo de crisis.** Trad. de Fabian García-Prieto Duendia. Ed. Guadarrama. Madrid, 1971

MARCEL, Gabriel. **Homo Viator.** APRESENTAÇÃO Juan Daniel Alcorlo. Tradução de Maria José de Torres. Ed. Salamanca, Sígueme. Espanha 2005.

MARCEL, Gabriel. **Il mistero dell'essere: fede e realtà (vol 2).** Torino: Borla, 1971.

MARCEL, Gabriel. **Journal métaphysique.** Paris: Gallimard, 1927.

MARCEL, Gabriel. **Le mystère de l'être I.** Paris: Aubier, 1951a.

MARCEL, Gabriel. **Le mystère de l'être II.** Paris: Aubier, 1951b.

MARCEL, Gabriel. **Os Homens Contra o Homem.** Tradução de Vieira de Almeida. Porto: Educação Nacional, s/d.

MARCEL, Gabriel. **Revolução da esperança.** Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1961.

MARTIN, Grassi. **El hombre como ser encarnado y la “filosofía concreta” de Gabriel Marcel.** Tese de licenciatura, Universidad Católica Argentina. Facultad de filosofía e letras. Departamento de filosofía, 2008.

MENDONÇA, Cristina Diniz. Sartre uma filosofia de situações. In: **Mente. Cérebro & Filosofia**, São Paulo, n. 5, p. 25-33, s.d.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia.** 5. Ed. São Paulo: Paulus. V.3. 2005.

OLIVEIRA, Manoel Messias. **A experiência da alteridade no pensamento de Gabriel Marcel.** Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de pós-graduação em Filosofia, 2011.

RUDEK, Neusa Maria. **Sartre: Humanismo e Existência.** 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/13466/9272>.

Acesso em: 23 fev. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Trad. de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica.** 24. ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 287-532.

SASS, Simeão Donizeti. "O Eu é um Outro." O ego como objeto psíquico transcendente. In: **Mente, Cérebro & Filosofia**, São Paulo, n. 5, 63-67, s.d.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm (1775 - 1854). **Só Filosofia.** Virtuous Tecnologia da Informação, 2008 - 2021. Disponível em: http://filosofia.com.br/historia_show.php?id=104. Acesso em: 21 mar. 2024.

SCOTTINI, Alfredo. **Minidiicionário escolar português-espanhol-português.** Ed. Todolivro. Blumenau, SC. 2009.

SILVA, C. A. F.; RIVA, F. (Org.). **Compêndio Gabriel Marcel:** homenagem aos 90 anos de publicação do 'Diário Metafísico'. Cascavel, PR: Edunioeste, 2017.

SILVA, Ezir George, **Fenomenologia da metafísica do ser e do ter: contribuições do pensamento filosófico de Gabriel Marcel para a educação numa perspectiva da formação humana.** Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em Educação, 2014.

PINELA. António Batista. **A fundamentação metafísica da esperança em Gabriel Marcel.** (Dissertação de mestrado). Lisboa: Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, 1996.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo.** Porto Alegre: Acadêmica/PUCRS, 1988.